

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS - IFG
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
LICENCIATURA EM DANÇA

MARIA OZANA DA TRINDADE

A DANÇA DE QUADRILHA JUNINA EM APARECIDA DE GOIÂNIA:
MEMÓRIA E PERTENCIMENTO EM TRÊS BAIRROS DA CIDADE

APARECIDA DE GOIÂNIA

2019

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia - Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: **MARIA OZANA DA TRINDADE**

Matrícula: **20151090050215**

Título do Trabalho: **A DANÇA DE QUADRILHA JUNINA EM APARECIDA DE GOIÂNIA: MEMÓRIA E PERTENCIMENTO EM TRÊS BAIRROS DA CIDADE**

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aparecida de Goiânia, 22 / 01 / 2020.

Local

Data



Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

MARIA OZANA DA TRINDADE

**A DANÇA DE QUADRILHA JUNINA EM APARECIDA DE GOIÂNIA:
MEMÓRIA E PERTENCIMENTO EM TRÊS BAIRROS DA CIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Dança, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/ IFG, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientadora: Professora. Ma. Adriana Paes Leme Paiva Gomes.

APARECIDA DE GOIÂNIA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T832 Trindade, Maria Ozana da

A dança de quadrilha junina em Aparecida de Goiânia: memória e pertencimento em três bairros da cidade/ Maria Ozana da Trindade. - Aparecida de Goiânia, 2019. - 71 f. il.

Orientadora: Ms. Adriana Paes Leme Paiva Gomes
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia, Licenciatura em Dança, 2019.

1. Memória . 2. Pertencimento. 3.Festa junina. 4. Dança de quadrilha junina. 5. Produção cultural. I. Título

CDD 793.31981

Catalogação na publicação:
Suzane Gonçalves Duarte – CRB 1/2746

TERMO DE APROVAÇÃO

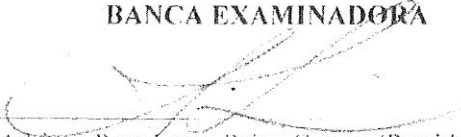
MARIA OZANA DA TRINDADE

A DANÇA DE QUADRILHA JUNINA EM APARECIDA DE GOIÂNIA: MEMÓRIA E PERTENCIMENTO EM TRÊS BAIRROS DA CIDADE

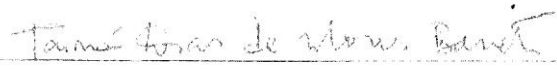
Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada no curso de Licenciatura em Dança e desenvolvido na linha de pesquisa Dança, História, Cultura e Sociedade sob orientação da Profa. Ma. Adriana Paes Leme Paiva Gomes.

Aprovado em: 03 de 12 de 2019.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Adriana Paes Leme Paiva Gomes (Presidenta - orientadora)



Profa. Ma. Tainá Dias de Moraes Barreto (Membro Interno)



Prof. Jefferson Reges Lobato (Membro Externo)

A meus pais, Dorvalina e Quirino, que me conduziram por caminhos virtuosos e aos meus
filhos, Carla Giovanna e Nielson, tesouros que Deus confiou a mim!
Muito amor envolvido!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, saúde, pelas experiências vividas e por todas as pessoas com quem eu tive e que tenho o prazer de conviver, que muito enriqueceram e enriquecem minha vida.

Aos irmãos, sobrinhos, primos, tios, enfim a todos vocês, família, que entenderam as várias renúncias de minha presença nas comemorações e reuniões familiares, ora devido a minha dedicação aos estudos, ora pela dedicação ao movimento junino. Em especial ao tio, Antônio Pio de Lacerda, que me inseriu no mundo junino, sem ao menos perceber.

Aos meus colegas de sala, parceiros diários, por vezes me encaminhando, em outras, sendo encaminhados. Em especial, à colega de sala, professora Dagmar Dnalva, pois, além do carinho de ser amiga e da competência profissional muito contribuiu, apoiando-me durante o curso, o que me foi muito gratificante durante toda esta graduação.

A todos os professores e professoras do curso de Graduação em Licenciatura em Dança do IFG – Aparecida de Goiânia, incentivadores nos aspectos profissional e pessoal, sobretudo, no que diz respeito ao incentivo acadêmico a mim disponibilizado. À professora orientadora Me. Adriana Paes Leme Paiva Gomes e ao professor da disciplina de TCC Dr. Alexandre Guimarães, certificadores da competência e efetividade deste trabalho, pois a prática de um trabalho científico se constrói quando direcionada por profissionais capacitados a mediar os princípios fundamentais desta prática. Também agradeço às professoras de Língua Portuguesa, Letícia da Cunha e Genoveva Prima de Freitas, pela rica contribuição, dedicação e carinho.

Aos brincantes do mundo junino, aos grupos de quadrilhas juninas de Aparecida de Goiânia, atuantes como os que já abrilhantaram nossos Arraiais, especialmente, os grupos com seus respectivos presidentes: Mandacaru – Roberth Junior; Paixão Goiana – David Leci; Raízes de Goiás – Francisco Lima, Marcos Paulo e Até o Sol Raiá – Wagner. A todos os demais grupos de quadrilhas de Aparecida de Goiânia, pelo reconhecimento, pela contribuição neste trabalho e dedicação ao movimento junino.

Agradeço também àqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, durante todos os anos de existência do Ponto de Cultura Raízes de Goiás.

A todos vocês, minha eterna gratidão!

“Sonho que se sonha só é um sonho que se sonha só. Sonho que se sonha junto é realidade.”

Raul Seixas

(Essa música de Raul Seixas foi mencionada numa conversa a respeito da criação do grupo Raízes de Goiás com o representante da Pastoral da Juventude do Meio Popular Redelson Tomaz, em 2004)

RESUMO

Este trabalho rememora histórias sobre a dança de quadrilha junina e considera-as a partir do processo de significação pessoal e gestão coletiva, com base nos grupos de quadrilhas juninas dos setores Colina Azul, Jardim Riviera e Comendador Walmor, em Aparecida de Goiânia-GO. O vínculo com a dança junina e com outros grupos da cidade, fortaleceu a intenção de promover um diálogo interativo entre os referidos grupos. Assim, fundamentada em Zaratim (2014; 2019), Cascudo (1971 ; 1972), Barreto (2014), Bonetti (2012), Strazzacappa (2006), Bourdieu (2007), Canclini (1982), Freire (1987), Chianca (2007), Simone (2014), há uma busca para desvelar os bens culturais promovidos por eles e a esta cidade, com registros sobre suas produções, aqui vistas como experiências artísticas e de pertencimento. Essas práticas comunitárias atuam no fortalecimento de valores sociais indispensáveis à formação de cidadãos mais conscientes e críticos. Por isso, a abordagem desta pesquisa é qualitativa, cuja metodologia está alicerçada na pesquisa-ação, isto é, o pesquisador participa ativamente da própria pesquisa.

Palavras-chave: Memória, Pertencimento, Festa junina, Dança de quadrilha junina, Produção cultural.

ABSTRACT

This project reminds stories about June Quadrilha dance and it consider them based on process of personal significance and collective management, based on the june dance groups of Colina Azul, Jardim Riviera and ComendadorWalmor, in Aparecida de Goiânia-GO. The link between June dance e other groups of the city has strenghtened the intention to promote na interactive dialogue between these groups. Based on Zaratim (2014 and 2019), Cascudo (1971 and 1972), Bonetti (2012), Strazzacappa (2006), Bourdieu (2007), Canclini (1982), Freire (1987), Chianca (2007), Simone (2014), there is a quest to discover the cultural goods promoted by them and in this city, with records about your productions, here seen as artistic and belonging experiences. These community practices work to strengthen social values that are essential for the formation of more aware and critical citizens. For that reason the approach of this research is qualitative, whose methodology is based on action-research, it is mean the researcher actively participates in the research itself.

Keywords: Memory, Belonging, June Party, June dance groups, Cultural Production.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Grupo de Quadrilha Junina Rainha da Paz	23
Figura 2:	Grupo de Quadrilha Junina Arrasta Pé	24
Figura 3:	Grupo de Quadrilha Junina Brasil Caboclo	25
Figura 4:	Grupo de Quadrilha Junina Bailão de Peão	26
Figura 5:	Grupo de Quadrilha Junina Luar do Sertão	27
Figura 6:	Grupo de Quadrilha Junina Arraiá do Cerrado	28
Figura 7:	Grupo de Quadrilha Junina Anarriê de São João	28
Figura 8:	Grupo de Quadrilha Junina Sassinhora	29
Figura 9:	Grupo de Quadrilha Junina Raízes de Goiás	32
Figura 10:	Grupo de Quadrilha Junina Raízes de Goiás	32
Figura 11:	Grupo de Quadrilha Junina Raízes de Goiás	33
Figura 12:	Grupo de Quadrilha Junina Mandacaru	34
Figura 13:	Grupo de Quadrilha Junina Mandacaru	34
Figura 14:	Grupo de Quadrilha Junina Mandacaru	35
Figura 15:	Grupo de Quadrilha Junina Paixão Goiana	35
Figura 16:	Grupo de Quadrilha Junina Paixão Goiana	36
Figura 17:	Grupo de Quadrilha Junina Paixão Goiana	36
Figura 18:	Grupo de Quadrilha Junina Até o Sol Raiá	37
Figura 19:	Grupo de Quadrilha Junina Até o Sol Raiá	37
Figura 20:	Grupo de Quadrilha Junina Até o Sol Raiá	37
Figura 21:	Espaço ornamentado para realização do questionário afetivo	39
Figura 22:	Participantes encaminhando-se ao espaço reservado para o Questionário Afetivo	39
Figura 23:	Orientação a respeito do Questionário Afetivo	40
Figura 24:	Preenchimento do Questionário Afetivo	41
Figura 25:	Momento de degustação e descontração	42
Figura 26:	Encerramento do Questionário Afetivo	43

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

CAIC	- Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente
FAC	- Fundo de Arte e Cultura de Goiás
FEQUAJUGO	- Federação das Quadrilhas Juninas do Estado de Goiás
IFG	- Instituto Federal de Goiás
MINC	- Ministério da Cultura (extinto)
QUAJAP	- Quadrilhas Juninas de Aparecida de Goiânia

SUMÁRIO

Apresentação	10
1. Contexto pessoal e social da festa junina na dança de quadrilha junina	12
2. Confluências da dança de quadrilha junina em grupos da cidade	21
2.1 Grupos de quadrilhas juninas que interromperam suas atividades	23
2.2 Grupos de quadrilhas juninas em atividade	29
3. Aplicação do questionário afetivo	38
3.1 Análise dos questionários	43
Considerações finais	46
Referências bibliográficas	47
Anexo I	49
Anexo II	56
Anexo III	62

APRESENTAÇÃO

Sou produtora cultural, bailarina e primeira mulher a fundar uma associação cultural direcionada a dança de quadrilha junina em Aparecida de Goiânia-GO. Nessa condição, tenho o desejo de registrar e tornar público a existência dos grupos de quadrilha junina dessa cidade, evidenciando alguns aspectos inerentes ao processo de atuação dos agentes culturais de três bairros, a saber: Colina Azul, Jardim Riviera e Comendador Walmor.

Através de experiências na área de organização e criação de espetáculos juninos, relato meu vínculo com a dança junina desde os meus 10 anos de idade até tornar-se, hoje, parte integrante da minha vida profissional. Desse convívio no meio junino e com outros grupos da cidade fortaleceu-se a intenção de promover um diálogo com tais grupos de quadrilha junina. No sentido de desvelar os bens culturais promovidos pelos grupos a toda cidade, fundamentei meus estudos em historiadores, sociólogos, estudiosos das performances culturais, que se dedicaram ao estudo da cultura brasileira direcionados à dança em questão, que são: Zaratim, Cascudo, Barreto, Bonetti, Strazzacappa, Bourdieu, Canclini, Freire, Chianca, Simone, dentre outros.

Como um registro histórico, este trabalho busca refletir sobre a produção cultural local como experiências artísticas e de pertencimento, capaz de promover a formação do cidadão crítico e consciente. Assim, defendo a importância da produção cultural local como valor histórico do povo da cidade de Aparecida de Goiânia, com intuito de ampliar possibilidades de reconhecimento, gratidão e preservação da memória social.

No primeiro capítulo faço referência à minha experiência e memória dos primeiros contatos com a dança de quadrilha junina. Realizo um breve histórico da origem da festa junina no mundo, da dança de quadrilha junina e sua inserção no Brasil. No segundo capítulo, relato a memória dos grupos de dança de quadrilha junina que, por diferentes motivos, interromperam suas atividades, e aqueles que estão em plena atividade, e selecionado alguns para análise neste trabalho, explicitando seus modos de organização e atuação em Aparecida de Goiânia. No terceiro capítulo, explico como e onde foram aplicados os questionários afetivos, realizando a análise dos mesmos e minhas considerações finais.

Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo e procedimento metodológico voltado para a pesquisa-ação, na qual o pesquisador participa ativamente do objeto de sua pesquisa. O instrumento metodológico a respaldar essa narrativa interpretativa se deu através de um

questionário afetivo, o qual consiste em estimular os participantes para uma experiência sensorial, reportando-os às lembranças afetivas do período junino. Por consequência, a orientação para a análise dos questionários seguiu-se para os aspectos de gestão coletiva e significação pessoal.

Nessa consideração, vale registrar que os grupos em atividade buscam estimular a identidade dos jovens, auxiliando na dimensão da socialização por meio da ludicidade e da convivência pacífica, mostrando outras possibilidades de ser e de fazer cultura com arte. Isso proporciona uma qualidade na formação humana e a propagação da cultura popular – principalmente quando há políticas públicas – oferecendo à população em geral espetáculos de forma gratuita. Além do que, as manifestações culturais das festas e danças juninas contribuem como atividade econômica do município, oportunizando trabalho aos profissionais não formalizados.

1. Contexto pessoal e social da festa junina na dança de quadrilha junina.

Para contar sobre minha motivação para esta pesquisa, me reporto a memórias da minha infância, fase em que meu vínculo com a dança de quadrilha junina começou a se manifestar vindo a tornar-se parte da minha vida profissional. Nos anos de 1979, com 10 anos de idade, lembro-me de que meu tio estava muito presente em minha caminhada junina. Ele era sempre convidado para puxar a quadrilha tradicional na região administrativa de Ceilândia Norte – DF, onde vivíamos como também em outros bairros. Eu o acompanhava sempre. Às vezes, eu era convidada e me colocavam para suprir a ausência de algum membro do grupo. Quando isso acontecia, ficava maravilhada, pois tinha a oportunidade de dançar em todos os festejos de São João junto com meu tio.

No entanto, um dia aconteceu um acidente que vitimou duas pessoas muito queridas por todos. A dor daquela perda levou a família a mudar-se para outra região da cidade. O tempo passou, cresci, tornei-me adulta, casei e constituí família, vindo morar em Aparecida de Goiânia, era 1989. Engajados na igreja católica, meu esposo e eu, colaborávamos na organização e apresentação da dança de quadrilha junina nos festejos religiosos. Todavia, sempre me questionava a respeito da quantidade de apresentações, apenas uma ao ano.

Em 1998, já divorciada, conheci um grupo de quadrilha que escolhia o repertório musical de acordo com um tema específico, coreografias elaboradas e dançavam atendendo a uma agenda dentro dos meses de junho e julho, quase sempre adentrando o mês de agosto, o que me encantou. Fui apresentada ao responsável daquele grupo, Fernando de Souza, fundador do grupo Bailão de Peão. Fizemos amizade e logo veio o convite para dançar no referido grupo. Foi então que iniciei minha jornada nesse grupo de dança como bailarina, me dedicando e me sentindo cada dia mais realizada. Dançar quadrilha junina provocava em mim um sentimento inexplicável, porque, apesar do cansaço e das amarguras da vida, esse sentimento me contagiava de uma emoção inefável, algo especial. Permaneci neste grupo e ao longo de seis anos, quando pude vivenciar muitas experiências difíceis, interessantes e recompensadoras, que me estimularam a pensar em uma nova trilha, um caminho que fizesse mais sentido para mim.

No início do segundo semestre do ano de 2004, tomei a iniciativa de consolidar essa herança e fundar um novo grupo na região, fortalecendo meu respeito e admiração pela dança de quadrilha junina, tendo em vista que já existiam outros grupos na região. Sem dúvida, uma

trajetória de extrema importância para meu crescimento pessoal, social e profissional. No decurso de vinte anos de vínculo afetivo com esta modalidade de dança, tornei-me bailarina, coreógrafa, fundadora e coordenadora da Associação Cultural Cia de Danças Folclóricas Raízes de Goiás, no setor Colina Azul, reconhecida pelo MinC¹ como Ponto de Cultura. Nesse percurso, encontro identificação nas palavras do pesquisador Zaratim (2014) ao dissertar sobre sua formação.

Percebo que fui formado pelas relações sociais a que fui exposto desde o meu nascimento. A diversidade de situações que vivenciei, assim como as culturas que visitei e observei, faz parte de um processo histórico de relações sociais que consolidaram a minha carreira e o meu interesse por esse objeto de estudo. (p 21)

Imbuída desse caráter formativo, quando penso sobre a questão do sujeito em sociedade, percebo uma constante transformação do olhar e da própria presença através do tempo e do meio em que se está inserido. Por isso, acredito que o sujeito, tendo um espaço que o oportunize experiências culturais e artísticas, pode intervir e promover seu crescimento intelectual e estético, fortalecendo valores e ampliando atitudes, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes.

Paulo Freire (1987), em seu livro “Pedagogia do Oprimido”, deixa claro que os homens se educam e transformam o mundo, e estas transformações se dão a partir da ação humana, sendo capaz de assimilar sua realidade:

[...] não haveria ação humana se não houvesse uma realidade objetiva, um mundo como “não eu” do homem capaz de desafiá-lo; como também não haveria ação humana se o homem não fosse “projeto”, um mais além de si, capaz de captar a sua realidade, de conhecê-la para transformá-la. (p.22)

Diante disso, posso afirmar que também sou fruto do meio e considero que minhas vivências são riquíssimas fontes de informação, de técnica e de conhecimento. É por isso que, através de minhas experiências dentro do mundo junino e do convívio com outros grupos da cidade, busquei trazer um histórico da produção cultural e da luta social de três grupos de dança de quadrilha junina presentes nos setores Colina Azul, Jardim Riviera e Comendador Walmor.

¹ O Ministério da Cultura (MinC) é o órgão da administração pública federal direta que tem como competência a execução da política nacional de cultura. Cabe ao MinC o desenvolvimento de políticas e ações de **acessibilidade cultural**, a regulação de **direitos autorais**, a proteção do **patrimônio histórico e cultural** e a **preservação da identidade cultural** dos remanescentes das comunidades dos quilombos. Disponível em: <http://cultura.gov.br/secretaria/institucional-minc/>. Acesso em 4 out. 2019.

Percebo a Dança como uma linguagem da arte que faz parte das culturas humanas, integrando o trabalho, as religiões e as atividades de lazer, ou seja, o corpo que dança se reconstrói a partir dela. Assim como afirma Barreto (2014), “Acredito na multiplicidade das experiências corporais como forma de diversificar as maneiras de produzir dança e buscar novas estéticas. Principalmente acredito no potencial dos encontros e do conflito gerado no confronto de informações diferentes.” (p. 18). Por isso, acredito que esta pesquisa corrobora com o movimento junino, abrindo espaços para o entendimento de seu valor, mediada pelas oportunidades de conhecimento na área e na troca de aprendizagem dentro de cada grupo. Assim também, compreendo a possibilidade de uma maior visibilidade sobre as necessidades e dificuldades enfrentadas pelos grupos de dança de quadrilhas juninas, no sentido de um assessoramento de forma qualitativa e empática.

Em se tratando da história da dança de quadrilha, Cascudo (1972) a conceitua como:

A grande dança palaciana do séc. XIX, protocolar, abrindo os bailes da corte em qualquer país europeu ou americano, tornada preferida pela sociedade inteira, popularizada sem que perdesse o prestígio aristocrático, vivida, transformada pelo povo que lhe deu novas figuras e comandos inesperados, constituindo o verdadeiro baile em sua longa execução de cinco partes, gritadas pelo “marcante”, bisadas, aplaudidas, desde o palácio imperial aos sertões. (p. 745)

Considerando este viés histórico associado ao meu olhar pessoal vivencial, vejo a dança de quadrilha junina como um espetáculo cultural, pois, numa apresentação é possível encontrar uma grande variedade de linguagens artísticas, ainda que a dança seja seu pilar. Os participantes envolvidos neste espetáculo podem experimentar a arte em diversas nuances – teatro, música, moda, fotografia – despertando o corpo para a criatividade, oportunizando aprendizado e formação, conforme se pode verificar nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN - de Arte 1997.

Um dos objetivos educacionais da dança é a compreensão da estrutura e do funcionamento corporal e a investigação do movimento humano. [...] A dança é uma forma de integração e expressão tanto individual quanto coletiva, em que o aluno exercita a atenção, a percepção, a colaboração e a solidariedade. A dança é também uma fonte de comunicação e de criação informada nas culturas. Como atividade lúdica a dança permite a experimentação e a criação, no exercício da espontaneidade. (p.44)

Nesse direcionamento, saliento a importância dos grupos de dança de quadrilha junina na formação de jovens, enquanto público de maior frequência nos três setores desta cidade selecionados nesta pesquisa. Analisando, pela experiência prática com os jovens, esses grupos

oferecem informações que oportunizam a convivência interpessoal e a compreensão dos direitos, deveres, leis e editais culturais. Assim também, os grupos de dança de quadrilha junina contribuem para que esses jovens exerçam sua cidadania com autonomia e consciência, associada à construção de um ambiente cultural. Vale salientar que escolhi os bairros acima citados como campo da minha pesquisa pelas seguintes razões: a) Por serem locais de maior concentração de grupos juninos; b) Por eu ter mais convívio ali, como coordenadora de um dos grupos; e c) Por serem os bairros que concentram três grupos filiados a uma federação, participantes constantes de competições, sendo, portanto, um interessante objeto de pesquisa.

Por consequência disso, a abordagem escolhida para esta pesquisa tem caráter qualitativo e está pautada na metodologia da pesquisa-ação, dentro da qual o pesquisador é também participante ativo do objeto de pesquisa. Para entender melhor essa dinâmica, Kemmis e MC Taggart (1988), apud Elia e Sampaio (2001), esclarecem que

Pesquisa-ação é uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. A abordagem é de uma pesquisa-ação apenas quando ela é colaborativa... (p.248).

A pesquisa-ação requer ação nas áreas da prática rotineira e da pesquisa científica. Para dar sustentação a esse caráter colaborativo, apresento o instrumento metodológico no formato de um questionário afetivo através do qual intentei estimular os participantes para uma experiência sensorial com os cinco sentidos do corpo (tato, paladar, olfato, audição e visão), reportando-os a lembranças afetivas do período junino. O espaço para realização deste questionário foi preparado com a decoração simples, porém rica em detalhes, já que, durante o período de respostas, eram absorvidos por alguns aromas de alimentos típicos da época em questão. Após essa etapa de aplicação dos questionários, a orientação para a análise, no capítulo 3, seguiu-se para os aspectos de gestão coletiva e significação pessoal.

Fundamentada nesta metodologia, faço relação com as palavras de Bourdieu (1989), quando deixa claro em seu livro: “O poder simbólico” que “o que conta, na realidade, é a construção do objeto e a eficácia de um método de pensar nunca se manifesta tão bem como na sua capacidade de constituir objetos socialmente insignificantes em objetos científicos [...]” (p.20). Interpreto que não há necessidade de aderir rigidamente a uma ou outra metodologia implantada, mas que haja análise dos resultados dada a definição do objeto. Esse autor afirma ainda que “a adesão rígida a um ou outro destes métodos definirá a filiação numa escola [...]” (25). Portanto, ao aplicar o instrumento metodológico aqui denominado de

questionário afetivo utilizo de mecanismos sensoriais, híbridos, isto é, entre o intelecto e a experiência sensorial, que se faz na presença e contato direto com as percepções do corpo, um corpo sensível, como um espaço multidimensional aberto a diversas significações.

Nesse sentido, defendo a importância do registro da história do povo de nossa cidade, com intuito de fortalecer os grupos, preservar sua memória e de construir sua identidade. Vejo a necessidade de escuta e registro das vivências e reflexões dos participantes dessa modalidade de dança, bem como dos representantes desses grupos enquanto formadores de opinião. Creio que os grupos de quadrilhas juninas do campo pesquisado, sejam espaços que podem oferecer o exercício da cidadania, a relação interpessoal atrelada a momentos lúdicos e a promoção de sua formação como ser pensante e de senso crítico. Estudioso das performances culturais², Zaratim (2014) afirma que “Tanto a Federação quanto os grupos juninos ressentiam-se da falta de uma pesquisa sistematizada a respeito de seus trabalhos” (p.13). Confirmando que esse sentimento representa os aparecidenses fazedores de cultura. Antropologicamente falando, Darcy Ribeiro (2014) conceitua: “O termo cultura vem do latim *colere* e é cognata às palavras *agricultura*, *cultivar*, *colher*, *culto* (tanto o adjetivo quanto o substantivo), ou seja, tudo aquilo que requer esforço humano para transformar em oposição ao encontrado na natureza.”³

Assim sendo, creio que a forma de abordar essa cultura, através dos grupos em questão, deve ser reconhecida com a devida importância que merece. Desta forma, sinto-me consolidada com as palavras de Barreto (2014), onde “Abordo as culturas tradicionais como manifestações artísticas que valem a pena (re)conhecer como tais.” (p. 17).

Sobre a questão da formação do artista pode ser encontrada em Strazzacappa (2006) a qual destaca que,

Independentemente de fazer ou não faculdade, é importante todo bailarino saber que a dança é uma área de conhecimento autônoma. Possui pesquisa própria, estabelece interfaces com outras linguagens artísticas e dialoga de forma salutar com as ciências. (p. 13)

² As performances culturais são formas simbólicas e concretas que perpassam distintas manifestações revelando aquilo não evidenciado pelos números, mas atingidos plenamente pela experiência, pela vivência, pela relação humana. O reconhecimento desta atividade dinâmica e polissêmica como outro marco de análise e conhecimento determina assim um diferente ponto de exame para a interpretação e observação e apresenta novos paradigmas na construção do discurso constitutivo destes atos e de seus agentes. (CAMARGO, Robson Corrêa de. Coordenador do Mestrado Interdisciplinar em Performances Culturais - Universidade Federal de Goiás, p. 3) https://performancesculturais.emac.ufg.br/up/378/o/Performances_Culturais_Um_conceito_interdisciplinar_e_uma_metodologia_de_an%C3%A1lise-Robson_Camargo.pdf Acessado em: 10 agos de 2019.

³ <https://ensaiosnotas.com/2014/10/08/1076/> Acessado em: 25 agos de 2019.

A referida autora afirma que “bailarino dança, pensa e deve ser igualmente um cidadão politizado.” (2006, p.14). Enquanto participante de um dos grupos que persevera até a atualidade, creio que os bailarinos engajados nos grupos, podem descobrir valores particulares e conhecimentos técnicos nesta arte e se profissionalizar, saindo da informalidade.

Compreendendo melhor o percurso histórico dessa atividade cultural e artística que perpassa vários contextos do conhecimento, busca-se pensamentos sobre alguns aspectos envolvidos nessa modalidade de dança, tão diversa quanto presente e pulsante em nosso país.

De acordo com Barbosa (2013) a quadrilha junina foi inicialmente praticada nos bailes europeus. Barbosa afirma que as “origens desta festa remontam ao século XVII, em território francês, quando a celebração do solstício de verão⁴ indicava a véspera do início das colheitas.” (p. 46). Essa dança apresentava formato de roda, em pares e era praticada, com maior frequência, nos bailes nobres. Devido às grandes navegações da época, a dança de quadrilha junina atravessou o oceano alcançando a América do Sul, em especial o Brasil, por volta do século XIX.

Chianca (2007) relata que a dança de quadrilha junina é derivada da contradança e que “a princípio, eram quatro ou oito casais que se organizavam em duas filas, uma em frente à outra, com as quatro extremidades formando um quadrado – daí seu nome francês, *quadrilhes*” (p.50).

Bonetti (2012) compreende a contradança como:

Um conjunto de coreografias, feitas em par que, ao desenvolver-se, formam símbolos da geometria sagrada como: círculo, quadrados, arcos, raios, teias, etc. Elas reconstroem a memória tradicional de um povo e nasceram dos antigos povos da Europa e ficaram conhecidas como Danças Tradicionais (p. 74).

Segundo Zaratim (2019), os bailes reais permitiam a popularização das quadrilhas juninas e sua adaptação ao cenário rural. A dança de casais que trocavam de pares, não demorou muito sair dos salões nobres para as festas populares. As comemorações de casamentos, batizados, festas de padroeira e muitas outras passaram a ser influenciadas pela dança francesa. Dessa forma, as quadrilhas juninas foram se acomodar na zona rural, onde a população era mais conservadora. Por agregar valores culturais diversificados, os festejos juninos, tornaram-se uma mistura cultural envolvendo características relacionadas à crença, devoção e diversão, podendo observar uma metamorfose do ciclo junino ao longo dos séculos.

⁴ O solstício de verão pode acontecer no dia 21 ou 22 de dezembro, dias em que a radiação solar incide de forma vertical sobre o Trópico de Capricórnio. Disponível em: <https://www.significados.com.br/solsticio-de-verao/>. Acessado em: 24 agos de 2019.

Zaratim (2019) afirma que as danças de quadrilhas juninas em Goiás eram realizadas em comemorações religiosas, reverenciando os santos católicos desde a fundação da Capital. Também sendo dançada em associações, escolas e comunidades, compondo o calendário cultural escolar. O referido autor, embasado por outros estudiosos, relata que as festas e as danças de quadrilha junina eram realizadas no interior do Brasil, especificamente em Goiás:

Pesquisadores estrangeiros do Séc. XVIII e XIX descreveram o cotidiano da nossa gente, naquela época, e, como não podia faltar, falaram da festa e da dança junina que já pertenciam ao interior do Brasil. Auguste de Saint-Hilaire (1975) faz a descrição, em seu trabalho “Viagem a província de Goiás”, de uma festa de São João realizada em 23 de junho de 1819, durante sua passagem pelo sertão goiano.

Nesta noite (23 de junho) celebrava-se uma grande festa, a de S. João. Todos os anos os agricultores das redondezas tiram a sorte para saberem quem faz a festa. Nesse dia era a vez do meu hospedeiro. Como primeira providência, fincou-se no chão um grande mastro, em cujo topo tremulava uma pequena bandeira com a imagem do santo. O pátio da fazenda foi iluminado, armou-se uma grande fogueira e as pessoas davam tiros para o ar gritando: “Viva São João!” (...) Diante da porta da maioria dos sítios via-se uma grande árvore seca, fincada no chão para a festa e exibindo no topo uma pequena bandeira branca com a imagem do santo” (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 47). (apud ZARATIM, 2019, p.44)

Com a ressignificação deste valor cultural popular vinculado à espiritualidade, as festas alcançaram as ruas e se distanciaram dos rituais católicos, chegando a outros espaços sociais. Por isso, é importante salientar a definição de Cultura por Caclini (2003)

[...] toda cultura é resultado de uma seleção e de combinação, sempre renovada, de suas fontes [...] é produto de uma encenação, na qual se escolhe e se adapta o que vai ser representado, de acordo com o que os receptores podem escutar, ver e compreender. As representações culturais [...] nunca apresentam os fatos, nem cotidianos nem transcendentais; são sempre reapresentações, teatro, simulacro. Só a fé cega fetichiza os objetos e as imagens acreditando que neles está depositada a verdade. (p.201)

Canclini ainda acrescenta que “a especificidade da cultura popular reside em sua fidelidade ao passado rural, tornam-se cegos às mudanças que a redefiniam [...]. Ao atribuir-lhe uma autonomia imaginada, elas suprimem a possibilidade de explicar o popular pelas interações que tem com a nova cultura hegemônica.” (p.210).

Em Aparecida de Goiânia, a dança de quadrilha junina fez parte das primeiras manifestações culturais da cidade, e seu surgimento não foi diferente das outras cidades goianas. Fundamentada no cristianismo e marcada por grande reunião de fiéis, a ocasião era oportuna para a dança de quadrilha, após terços e rezas. Simone (2014) certifica como ocorria esta modalidade de dança em seu livro “Um Olhar sobre Aparecida: História e Cultura”,

Unidos a essa religiosidade, eram dançadas as quadrilhas, em sua maioria com uma coreografia improvisada, onde moças e rapazes reproduziam os passos que eram passados de geração a geração, usavam vestidos coloridos e com muitos babados e os rapazes roupas do homem do campo, às vezes usavam até um paletó. (p. 109)

Aparecida de Goiânia se expandiu com o êxodo rural. Sua população se constituiu, em grande maioria de várias regiões do Brasil, onde alguns bairros emergiram da expansão espacial de áreas urbanas movimentadas pela especulação imobiliária. Segundo Simone (2014), o setor Colina Azul foi “povoado por migrantes nordestinos e com eles as quadrilhas juninas estilizadas ou modernas, no início do milênio, já eram muitas e com grande estilo.” (p. 110). Vale ressaltar que o bairro acima citado foi o primeiro a gestar um grupo de quadrilha participante de competições, filiado à Federação das quadrilhas juninas do Estado de Goiás (Fequajugo⁵), denominado Bailão de Peão.

Dentro do contexto de multiplicidade regional, esta cultura popular da dança de quadrilha junina, ganhou força e beleza. As mudanças continuaram ainda que mantendo alguns aspectos de sua tradição. Evoluiu para um evento grandioso com disputas e torneios, com figurinos mais elaborados, deixando o traje rústico, caipira e com o repertório musical diversificado, fazendo surgir uma identidade cultural viva e cíclica.

Nós, seres humanos, estamos em constante investigação de nossa própria vida no intuito de melhorá-la. Assim, a cultura se torna impregnada em nosso ser. Somos constituídos de saberes apreendidos com antepassados, com o meio no qual estamos inseridos, seja no campo pessoal como profissional. Estamos em constante aprendizado e construção do nosso “ser cultural”. Ramos (2012) em seu ensaio “A cultura popular e as quadrilhas juninas”, apresenta esse tema a partir de Canclini e outros pensadores. Ele vai descrevendo suas considerações, reforçando que, em cada aprendizado configura-se a expansão da memória e da cultura fortalecendo a tradição.

Perceber que a tradição possui caráter dinâmico é reconhecer que ela é mantida por atores sociais dotados de uma constante mutabilidade. Sendo assim, a tradição não é realmente pura quando ela tem suas características cristalizadas sem que apresente nenhuma alteração com o passar do tempo, pelo contrário, ela só o é pela instauração da coerência entre a tradição e o contexto no qual vive a sociedade. [...] Pensar a tradição dessa forma que foi

⁵ “A Federação das Quadrilhas Juninas do Estado de Goiás – Fequajugo, foi fundada em 19/04/2004, com união dos diversos grupos juninos da região metropolitana de Goiânia. Que tinham como interesse comum a organização de uma entidade “que se destina à execução de atividades culturais, artísticas, folclóricas, de artes cênicas, sociais e desportivas, mantendo vivas as expressões culturais folclóricas e tradicionais das raízes juninas em Goiás” (Estatuto da Fequajugo – Art. 1º) apud ZARATIM, 2019, p. 112)

explicitada pode, de fato, auxiliar na consolidação de determinadas tradições e manifestações populares. (p. 06)

Cada grupo cultural, em sua individualidade está numa constante construção, seja repassando seus saberes outrora apreendidos ou agregando novos saberes. No que se refere ao mundo junino, cada ano os grupos vão se aperfeiçoando e cada um exibe sua beleza individual como continua Ramos (2012)

[...] termos consciência da capacidade da cultura popular de encantar, emocionar e trazer o belo para nosso cotidiano açoitado pelo tecnicismo e pela burocracia, assim, a partir daí, sairmos do campo das abstrações e fazermos com que os populares operem pelo popular.” (p. 8)

Canclini (1982) veio consolidar minha forma de pensar a respeito do modo pelos quais os grupos emergiram e se fazem existentes dentro de uma cultura popular.

O que está em jogo é a representatividade sociocultural da chamada cultura popular, há quem pouco importa o grau de beleza, criatividade e/ou autenticidade, mas os modos e as formas através dos quais certas classes sociais têm vivenciado o processo cultural em relação com suas condições de existência reais enquanto classes subalternas. (p. 137)

O foco é o trabalho desenvolvido, as pessoas envolvidas, a exibição de sua criação e de seu espetáculo final, os quais encantam a todos que os contemplam, provocando sentimentos diversos. Nesse contexto, para efetivar minha pesquisa relato a lembrança dos grupos de quadrilhas juninas, realizando reflexão acerca da concordância entre eles, dando ênfase a três grupos previamente selecionados.

2. Confluências da dança de quadrilha junina em grupos da cidade

Constatando que a cultura de um povo não está somente no que se ensina, mas no que se aprende, no que se cria e no que se realiza em diálogo com a sociedade, afirmo que a identidade cultural de um povo é composta de várias identidades internalizadas, transformadas e abertas para somar a novas perspectivas. Nesse ciclo de aprendizagens culturais, acredito na reflexão sobre nossa história que possibilita pensamentos agregadores com foco na significação pessoal e na gestão dos grupos atuantes na cidade de Aparecida de Goiânia.

Sendo assim, faz-se importante considerar a questão da memória como um exercício de recordar histórias a partir das lembranças de um tempo passado, como uma ação de costurar retalhos de diferentes práticas culturais que, em sua pluralidade constrói um mosaico da história de um povo. É nesse movimento que reúne elementos, trechos, fragmentos da memória cultural dos grupos de danças de quadrilha junina nos bairros escolhidos para serem observados, como possíveis transformadores de opinião bem como a consolidação do valor de pertencimento histórico nesta cidade. Diante disso, alicerçando minha forma de pensar a respeito da memória, embaso-me nas palavras de Cascudo (1971), o qual afirma que:

Memória é a imaginação no povo, mantida e comunicável pela tradição, movimentando as culturas convergidas para o uso, através do tempo. Essas culturas constituem quase a civilização nos grupos humanos. Mas existe um patrimônio de observações que se tornaram normas. Normas fixadas no costume, interpretando a mentalidade popular. (p. 9)

Nessa perspectiva, Simone (2014) relata em seu livro sobre a festividade junina na década de 1980 que, os quadrilheiros aparecidenses participavam dos eventos que ocorriam na Praça Cívica de Goiânia na categoria tradicional. Nesse mesmo período, os bairros Colina Azul e Cidade Livre estavam em expansão. A autora cita que havia vários grupos de quadrilhas federadas à Fequajugo, no entanto sem mencionar os nomes dos grupos. Acrescenta ainda a fala de Daniel Rodrigues Vieira, presidente fundador da Quadrilha “Brasil Caboclo” e “Os Caipiras” a respeito do assunto

[...] a primeira Quadrilha Moderna foi idealizada por Fernando de Souza e se chamava “São João Pirou”, em estilo *country*, no ano de 1997, depois surgiram outras, como: “Luar do Sertão” – presidente Ricardo Reis; “Bailão de Peão” – presidente Fernando de Souza; “Raízes de Goiás” - presidente

Maria Ozana da Trindade; “Arrasta pé” – presidente Raimundo Caldas; “Rainha da Paz”, em estilo tradicional, da professora Ana Veras do Jardim Riviera; “Arraia do Cerrado” – presidente Reinaldo Pimenta; “Mandacaru” – presidente Roberth Júnior; “Paixão Goiana” – presidente Devid; “Estrela de São João”. (p 110)

Outras informações mostram-se importantes, como forma de registro, a exemplo da contribuição, por meio de um resumo dado por João Batista⁶, atualmente Superintendente de Cultura da cidade de Aparecida de Goiânia. Nele é descrito de forma sintetizada o surgimento dos grupos de quadrilhas em Aparecida de Goiânia. Aqui considero alguns olhares, salientando que o material se encontra em anexo e disponível parcialmente na página do grupo Quajap no *facebook*. Em seu resumo, João Batista evidencia a importância sociocultural do movimento junino na formação dos jovens e na ampliação dos grupos juninos na cidade, como podemos observar:

[...] jovens ociosos buscassem na cultura um meio de diversão e lazer nos finais de semana ficando longe da violência e das drogas. [...] nesta situação alguns jovens com visão de coletividade saíram do grupo formando outros grupos e fomentando cada vez mais a participação do jovem na cultura popular.

Nessa condução do olhar, é possível perceber que, a partir do surgimento de um grupo de quadrilha junina emergiram novos grupos nos três bairros do campo da pesquisa e mais um grupo no setor Vila Alzira, em Aparecida de Goiânia. Por isso, entendo que, a força do narrável é considerada a partir de quem viveu naquele momento, ou seja, cada fundador analisa sua história pelo próprio ponto de vista. Consequentemente, observei a relevância da busca de informações diretamente com os fundadores, pois informações repassadas por alguém distante do objeto observado retratam um olhar superficial, desconsiderando suas particularidades. Isto significa que mesmo que alguém descreva com propriedade acerca de um grupo, este não conseguirá atingir o cerne da memória vivida por seu fundador. Elaborando esse pensamento, as informações advindas de quem fez parte da história do meio junino, serão abordadas num sentido de interrupção e de permanência.

⁶ João Batista Ribeiro de Oliveira, funcionário público, formado em Gestão Financeira e Gestão Pública, gestor cultural, militante do movimento mais cultura, ex - presidente do Fórum Permanente de Cultura de Aparecida de Goiânia de 2014 a 2016 e Presidente do Ponto de Cultura Anarriê de São João, de Aparecida de Goiânia atuante no movimento junino há 20 anos.

2.1 Grupos que interromperam suas atividades

Alinhada com a importância da memória dos grupos de dança de quadrilha junina na cidade, segue abaixo alguns registros de membros colaboradores de diferentes grupos. Por motivos variados (políticos, estruturais, financeiros), tais grupos tiveram que interromper suas atividades, mas enquanto existiram, contribuíram para a difusão desta manifestação de cultura popular em Aparecida de Goiânia.

Grupo de Quadrilha Junina Rainha da Paz

Ana Veras Neiva relata a respeito da criação e fundação do grupo de quadrilha Rainha da Paz em 1992:

[...] foi fundado por mim e pelo senhor Adalto Ferreira de Souza, hoje falecido. Eu, Ana Veras, presidente do bairro Jardim Riviera, organizava o arraiaí Rainha da Paz, enquanto ele ficava com a parte da encenação do casamento e dos passes da quadrilha. Éramos da Associação de bairro e criamos este grupo. Assim seu Adalto puxava a quadrilha. Quando ele faleceu, seu filho - o famoso Bicho Homem - o substituiu. Eu continuei na organização do ranchão da Rainha da Paz e o Bicho Homem cuidava da dança de quadrilha. Realizamos o evento por doze anos, apresentando a quadrilha no arraiaí do setor e nos bairros vizinhos onde éramos convidados. A plateia que nos assistia era composta, em sua maioria, por famílias aqui do bairro. Eu, presidente da associação dos moradores do Setor Jardim Riviera, com o mandato encerrado, afastei-me das atividades que não foram assumidas pelo novo candidato. Sem o compromisso de continuidade, infelizmente o projeto acabou. Como estou retornando à presidência do bairro, pretendo colocar a Rainha da Paz novamente no mundo junino. (Informação pessoal)⁷

Figura 1: Grupo de Quadrilha Junina Rainha da Paz



⁷ NEIVA, A. V. Relato concedido por email a Maria Ozana da Trindade. Aparecida de Goiânia, 25 set. 2019.

Fonte: <https://www.facebook.com/ana.veras.100/posts/10206556897321758> Acessado em: 10 out 2019.

Grupo de Quadrilha Junina Arrasta Pé

O grupo Arrasta Pé foi fundado em 1998, por Raimundo Caldas Cardoso no Colégio Caic⁸ Darci Ribeiro, no setor Comendador Walmor, nesta cidade. Era um grupo tradicional que caricaturava a pessoa simples, de dentição precária e roupas remendadas, com objetivo de apresentar-se em um evento cultural dentro do próprio colégio. Tornou-se também convidado para apresentar na comunidade católica da região e em diversos espaços como igrejas, associações, ruas, festas particulares, clubes e empresas. Fato significativo e de muita reflexão, foi sua participação em um evento da igreja realizado em um shopping da cidade de Goiânia, quando foram confundidos com mendigos pedintes, causando constrangimento a todos. Entretanto o grupo persistiu em sua caminhada, tornando-se campeões do Festival de Quadrilhas no Buriti Shopping, em 2001 e 2002, realizando diversas apresentações, entre as quais, uma foi a participação especial no circuito goiano realizado pela Fequajugo.

O grupo se fortaleceu, enquanto entidade e através do trabalho social que afastava os jovens da marginalidade. Realizavam dois tipos de apresentações: um tradicional e outro moderno. Criaram-se projetos a serem realizados entre os anos de 2004 e 2006 com o patrocínio para formalizar o registro em cartório, a filiação à Federação e a participação em concursos, destacando-se entre os primeiros colocados na categoria tradicional.

Posteriormente, perderam o patrocínio, o que não o prejudicou em suas atividades. Realizaram um evento em comemoração aos dez anos de existência, mas em 2009 o presidente designou o grupo com toda documentação a um dos diretores para dar continuidade ao projeto, pois constituía família e não havia condições de continuar. Houve vários problemas e assim, em 2010, a documentação foi devolvida ao fundador, interrompendo as atividades do

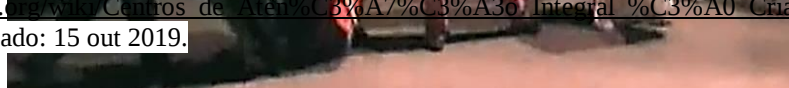
grupo.



Figura 2: Grupo de Quadrilha Junina Arrasta Pé



⁸ Os Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAICs) foram um programa educacional brasileiro criado pelo governo Fernando Collor de Melo (1990-1992). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Centros_de_At%C3%A7%C3%A3o_Integral_%C3%A0_Crian%C3%A7a_e_ao_Adolescente Acessado: 15 out 2019.



Fonte: Arquivo pessoal de João Batista Ribeiro

Grupo de Quadrilha Junina Brasil Caboclo

Segundo Daniel Rodrigues, o grupo “Os Caipiras” surgiu em 1998, no Colégio Caic Darci Ribeiro, no setor Comendador Walmor, Aparecida de Goiânia - GO, fundado por Daniel Rodrigues e Marcos Weider na modalidade tradicional. Ao perceber a inovação das quadrilhas na região, surgiu o interesse de atuar também nessa modalidade. Weider apresenta uma síntese da história do grupo de quadrilha junina Brasil Caboclo

Fundada em outubro de 2006 por Daniel Rodrigues Vieira, Marcos Weider da Costa Cunha, Dangelo Adriano da Costa Cunha e Paulo Roberto Nunes Pereira. A motivação da criação da quadrilha Brasil Caboclo foi o interesse de participar dos dois estilos do movimento junino, o tradicional e o moderno. A Brasil Caboclo é oriunda de uma quadrilha tradicional, chamada: Os Caipiras. Ambas as atividades das quadrilhas foram encerradas no final do São João de 2010. A Brasil Caboclo teve quatro temporadas, sempre dançando em Aparecida de Goiânia e na região metropolitana, participando desde o mais simples arraiaá ao mais sofisticado concurso junino. (Informação pessoal)⁹

Figura 3: Grupo de Quadrilha Junina Brasil Caboclo



Fonte: https://www.facebook.com/marcosweidergo/media_set?set=a.500367513409043&type=3 Acesso em 26 out de 2019.

Grupo de Quadrilha Junina Bailão de Peão

⁹CUNHA,W.C..Relato concedido por email a Maria Ozana da Trindade. Aparecida de Goiânia, 29 out. 2019.

A Quadrilha Bailão de Peão surgiu em 1999, foi fundada por Fernando Sousa e composta por jovens dos diversos grupos pertencentes à igreja católica. Com inovação na forma de dançar quadrilha junina na cidade, o grupo se apresentava em igrejas, escolas, empresas, ONGs e festas a convite da população. Estimulava e proporcionava os jovens na propagação da cultura da dança junina, oferecendo-lhes momentos lúdicos, longe da violência e das drogas. Com o passar dos anos substituiu-se o nome por “Flor do Sertão” que logo foi modificado para “Explode Coração”. Este grupo fez história em Aparecida de Goiânia e atualmente representa outros municípios goianos.

Figura 4: Grupo de Quadrilha Junina Bailão de Peão



Fonte: Arquivo pessoal de João Batista Ribeiro

Grupo de Quadrilha Junina Luar do sertão

No setor Colina Azul surge o Grupo Luar do Sertão fundado por Ricardo Reis, o qual relata que,

No dia 18 do mês de fevereiro do ano de 2003, surgiu a idéia de constituir a Associação Cultural Quadrilha Luar do Sertão, que veio a ser uma das maiores quadrilhas juninas do estado de Goiás, criada pelo grupo de jovens (Jutac) da igreja católica São José Operário, a princípio somente para apresentações na própria igreja e demais igrejas da região. Com o passar dos anos, o grupo foi crescendo e se estruturando e passou a fazer parte da FEQUAJU-GO (Federação da Quadrilha Juninas do Estado de Goiás). Por meio desta, a Luar do Sertão participou de vários concursos e mostras culturais, vindo a ser campeã de vários desses campeonatos. Os mais relevantes foram: Arraia das Abóboras (2007), Tetra Campeão de Aparecida

(2006/2007/2008/2009), Campeão do Arraiá do Cerrado (2013) entre outros. Participamos também de concursos nacionais, sendo eles o Nacional de Quadrilhas de 2008 (Aparecida de Goiânia) e Arraia Brasil 2013 (Brasília) ficando, neste último concurso, entre as 5 melhores quadrilhas do Brasil e com o melhor casal de noivos. Em 2016, por vários fatores, dentre eles a falta de apoio do poder público, decidimos encerrar nossas atividades culturais e pendurar os chapéus e sapatilhas. Pleiteamos retomar nossas atividades no ano de 2020 com um espetáculo jamais visto no mundo junino, por enquanto ainda como projeto, mas com a graça de Deus e vontade de todos, tornar-se uma realidade em 2020, quando voltaremos a brilhar nos tablados do Brasil. (Informação pessoal)¹⁰

Figura 5: Grupo de Quadrilha Junina Luar do Sertão



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=346867122109563&set=a.161480713981539&type=3&theate>

Acesso em: 25 out de 2019.

Grupo de Quadrilha Junina Arraiá do Cerrado e Anarriê de São João

28

Segundo informações do quadrilheiro João Batista, em 2005 foi criado o grupo Arraiá do Cerrado, formado por ex-dançarinos da primeira Quadrilha Estilizada em Aparecida, Bailão de Peão, com intenção de fortalecer o movimento junino. Iniciaram-se as atividades no ano de 2006 e foram até 2011, quando os membros decidiram mudar seu registro e nome para Anarriê de São João, registrando-o, juridicamente, em setembro de 2012. Filiou-se à Fequajugo, participou de vários campeonatos regionais e apresentou seu espetáculo em vários locais filantrópicos, igrejas, escolas e repartições públicas. No ano de 2014, o grupo foi

¹⁰ REIS, R. Relato concedido por email a Maria Ozana da Trindade. Aparecida de Goiânia, 23 ago. 2019.

reconhecido pelo Ministério da Cultura como Ponto de Cultura, um processo de certificação nacional que se baseou na autodeclaração de entidades voltadas à arte e cultura. No ano de 2017, o grupo alterou sua finalidade - empreendedor criativo com estúdio e mídias livres – e mudou o presidente.

Figura 6: Grupo de Quadrilha Junina Arraiá do Cerrado



Fonte: Arquivo pessoal de João Batista Ribeiro

Figura 7: Grupo de Quadrilha Junina Anarriê de São João



Fonte: Arquivo pessoal de João Batista Ribeiro

Grupo de Quadrilha Junina Sassinhora

O Grupo de Quadrilha Junina Sassinhora deu início às suas atividades em janeiro de 2017, visando promover a cultura no setor Vila Alzira e setores vizinhos. Nessas regiões, a associação recebia os jovens a partir dos 14 anos para atuar em diferentes funções, com foco na relação entre teatro e dança junina. O objetivo era auxiliar o desenvolvimento humano,

cognitivo e social daqueles que participaram do projeto, no sentido de uma saúde preventiva através da prática do esporte e inserção sociocultural.

O responsável pelo grupo mudou-se para a cidade de Montividiu, no interior do Estado, transferindo o grupo para lá. Entre os componentes que permaneceram em Aparecida de Goiânia, alguns se sentiram desmotivados e deixaram de dançar. Outros, se engajaram permanecendo dentro do mundo junino, mais especificamente no grupo Raízes de Goiás, com informação detalhada adiante.

Figura 8: Grupo de Quadrilha Junina Sassinhora



Fonte: Arquivo pessoal de Juliana Cristina

2.2 Grupos de Quadrilhas Juninas em atividade

Em relação aos grupos que permanecem e foram escolhidos para um olhar qualitativo nesta monografia, encontram-se os grupos Raízes de Goiás, Mandacaru e Paixão Goiana, todos eles filiados à Federação de Quadrilhas Juninas do Estado de Goiás (Fequajugo) e os responsáveis por promover anualmente, projetos e apresentações em eventos nas cidades de Aparecida, Goiânia e outras do interior do Estado de Goiás.

30

Grupo de Quadrilha Junina Raízes de Goiás

A Cia de Danças Folclóricas Raízes de Goiás foi idealizada no ano de 2004, por mim, Maria Ozana da Trindade, professora e dançarina, com o objetivo de reunir jovens e formar um novo grupo de quadrilha que oferecesse momentos de interação, ludicidade e difusão desta cultura. Iniciamos nossas atividades, em 2005 com a participação de crianças, jovens, adolescentes e adultos de Aparecida de Goiânia, especialmente no setor Colina Azul e setores vizinhos.

A princípio, os ensaios eram no salão da igreja católica São João Batista, em uma das principais avenidas do setor Colina Azul, o mesmo local onde a Quadrilha Bailão de Peão ensaiava. Como o grupo anterior migrou para outro setor distante, solicitamos aos responsáveis, permissão para que pudéssemos ensaiar no referido local. Não tardou muito e a resposta referente a ensaiar naquele espaço religioso nos foi negada, argumentando que não poderia atender a um grupo e deixar outros. Entretanto, na realidade, acolheram um grupo e se fecharam aos outros. Em busca de novo espaço, conversamos com o presidente da Associação Unidos Venceremos, Araújo, situado no próprio bairro, e assim conseguimos um espaço para dar continuidade aos ensaios. O novo grupo que surgiu na região do Jardim Riviera, também buscou o mesmo espaço para seus ensaios. A organização do calendário de ensaios foi primordial, garantindo a cada grupo um horário para o ensaio. Fui convidada a participar de uma reunião com o presidente da referida instituição, quando se determinou uma contribuição financeira, que embora simbólica, era necessária para ajudar a suprir as despesas pelo uso do espaço. Concordamos, mas o pagamento seria retirado do meu salário, pois não tínhamos verba e a maioria dos participantes era menor de idade. Logo que encerrou o período de ensaios, expliquei a situação e deixamos de usar o espaço.

Para solucionar o problema, resolvi cortar as plantas que havia no lote onde vivia com meu filho. Um irmão me ajudou a eliminar todas as árvores frutíferas que garantia o espaço do qual necessitávamos. Foram ao chão goiabeiras, mangueiras, bananeiras, bem como todas as plantas ornamentais que embelezavam meu quintal. Como o espaço tinha um declive e dificultava os ensaios, podendo até provocar acidentes, tive que idealizar uma solução: usar as minhas economias e construir uma área pequena para atender as nossas necessidades. À medida que o grupo crescia, notava-se a necessidade de ampliar o espaço. A cada ano era necessário fazer adaptação para melhor atender a demanda, isso ocorria conforme a situação financeira em que me encontrava. Atualmente, tenho uma casa pequena ao fundo do lote que deve constar uns 25% do total. O restante deste espaço abriga um salão com medida de 10m X 8m, iluminado e com espelho numa das paredes, dois barracões que servem como depósito

e escritório da associação. Equipado com banheiros, bebedouros elétricos e um aparelho de ventilador profissional, tudo adquirido com verbas de editais contemplados.

Esta associação é de cunho cultural, de direito privado, sem fins lucrativos, políticos ou religiosos, sem distinção de nacionalidade, cor, raça, religião e crenças, com prazo indeterminado de duração. Mantêm vivas as expressões culturais, folclóricas e tradicionais e é regido por um estatuto e legislação específica, aprovada em Assembleia geral. Objetiva: a) promover e incentivar a prática e a realização de atividades culturais e artísticas, em todos os segmentos, desportivas, físicas e sociais, junto às comunidades, grupos, associações e entidades governamentais e não governamentais, que se destinam a estes fins; b) lutar e zelar pelas melhorias das condições das formas de expressões de artes cênicas, folclóricas e tradicionais dentro dos diversos âmbitos sociais, culturais, folclóricos e artísticos; c) lutar pelo fortalecimento, crescimento e amplitude de sua sede social, dos seus associados, bens culturais, móveis e imóveis para que cada vez mais possamos estar mais seguros e fortalecidos para desenvolvermos e realizarmos nossas atividades.

Uma característica importante desta instituição é que está aberta a todos e todas que desejam participar independente de sexo, cor ou credo. Por esse motivo, há uma grande rotatividade de público frequentador. Por vezes, foi rotulada como “escola de quadrilha”, pois muitos jovens aprendiam e procuravam outros grupos que fossem filiados a Fequajugo. Durante nove anos, o grupo permaneceu sem filiar-se. Entretanto, uma grande parte dos integrantes desejava competir, e, para tanto, após reuniões e argumentações decidimos por nos filiar à Fequajugo, vindo a acontecer no ano de 2013.

Nossa agenda sempre esteve aberta às instituições de ensino, espaços religiosos, associações de bairros, ruas, empresas, ONGs, clubes e onde fôssemos convidados ou convocados pela federação. Com o passar do tempo, senti a necessidade de pleitear editais para um respaldo financeiro, pois até o presente momento usávamos a pequena verba que conseguíamos por meio de rifas, bingos, galinhadas, pamonhadas, dentre outros meios. Muitas vezes, ao final, lá estava eu, pagando o que faltava para que pudéssemos realizar o desejo do grupo de “colocar o grupo na avenida”, ou seja, de dançar com o melhor que conseguíssemos. Com o tempo fui me dedicando ao estudo de editais no intuito de entendê-los para melhor participar. Nesse processo e com ajuda de algumas pessoas, fomos contemplados por dois editais do FAC¹¹, favorecendo-nos atividades mais elaboradas,

¹¹ O Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás – Fundo Cultural é o principal mecanismo de fomento e difusão da produção cultural do Estado, o que permitiu um grande avanço na política cultural goiana, tornando-a mais democrática e plural. Por meio de editais de seleção pública, lançados anualmente, o Fundo Cultural

consagrada com o prêmio *Reconhece Goiás*, o qual colaborou com a infra-estrutura para atender ao público participante. Vale salientar que, o grupo também recebeu e recebe vários participantes de outras quadrilhas que interromperam suas atividades, conforme registrado anteriormente.

Outra informação considerável nessa trajetória de formação e atuação, é o fato de eu ter prestado vestibular para Licenciatura em Dança. Depois de três tentativas consecutivas obtive êxito. Então, no ano de 2015 iniciei o curso, visando meu aprimoramento artístico e cultural, acrescido do intuito de respaldar este ponto de cultura sob variados aspectos, do campo das idéias às documentações.

Figura 9: Grupo de Quadrilha Junina Raízes de Goiás



Fonte: Arquivo pessoal do Ponto de Cultura Raízes de Goiás

Figura 10: Grupo de Quadrilha Junina Raízes de Goiás

possibilita que artistas, grupos e coletivos, produtores culturais e prefeituras recebam recursos diretamente do Governo do Estado, para realizarem projetos, nas mais diversas linguagens artísticas e áreas culturais, levando o nome do Estado, a diversos países, estados e cidades do Brasil. Disponível em: <https://fundoculturalgoias.educacao.go.gov.br/sobre/>. Acessado em: 23 ago. 2019.



Fonte: <https://www.facebook.com/acraizesdegoias/photos/p.1060844624115971/1060844624115971/?type=1&theater>. Acessado em: 20 jul 2019.

Figura 11: Grupo de Quadrilha Raízes de Goiás



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1631803120283064&set=pb.100003601762048.-2207520000.0.&type=3&theater>. Acesso em: 17 nov. 2019.

Grupo de Quadrilha Junina Mandacaru

A Associação Cultural e Teatral Quadrilha Mandacaru foi fundada em outubro de 2008. Em 2009 filiou-se à Fequajugo com o objetivo de desenvolver projetos sociais, realizar mostras, concursos e apresentações direcionadas à sociedade. Seu fundador, Roberth Junior, deixou claro que, em um curto espaço de tempo, o grupo com sua arte e dança, contribuiu para a formação e engajamento de vários cidadãos na participação e no processo de seu desenvolvimento cultural. Pretendem continuar alcançando os “excluídos, marginalizados e omissos da sociedade que perderam o seu direito e dignidade de participação de vez e voz no que diz respeito aos meios de inclusão sociocultural.” (página do *facebook* intitulada Mandacaru Oficial).

Figura 12: Grupo de Quadrilha Junina Mandacaru



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=133969754513363&set=t.100003601762048&type=3&theater>. Acesso em: 20 out. 2019

Figura 13: Grupo de Quadrilha Junina Mandacaru



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1361729667290412&set=pb.100003601762048.-2207520000.0.&type=3&theater>. Acesso em: 17 nov. 2019.

Figura 14: Grupo de Quadrilha Junina Mandacaru



Fonte

:<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1631804083616301&set=pb.100003601762048.-2207520000.0.&type=3&theater>. Acessado em: 17 nov. 2019.

Grupo de Quadrilha Junina Paixão Goiana

A Quadrilha Junina Paixão Goiana foi fundada em Janeiro de 2011 e desde então é filiada à Fequajugo. Tem como objetivo resgatar as tradições culturais e o engajamento de jovens e adolescentes. Atualmente, por dificuldades de espaço para os ensaios na região, sua diretoria optou por realizá-los na Escola Municipal Vera Cruz 2, no bairro Cidade Vera Cruzem Aparecida de Goiânia. Busca contribuir com a sociedade trabalhando na formação dos jovens, bem como oferecendo entretenimento para a cidade e outras, onde são realizadas apresentações de seu espetáculo. Participa de concursos de quadrilha junina sempre que surge. Atualmente o grupo conta com uma média de 50 pessoas que, cada qual de sua forma, colaboram para a realização do projeto em cada ano.

Figura 15: Grupo de Quadrilha Junina Paixão Goiana



Fonte: Arquivo pessoal de David Leci

Figura 16: Grupo de Quadrilha Junina Paixão Goiana



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=167310180372782&set=a.167309613706172&type=3&theater>.

Acessado em: 17 nov. 2019.

Figura 17: Grupo de Quadrilha Junina Paixão Goiana



Fonte:

[https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1631814023615307&set=pb.100003601762048.-](https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1631814023615307&set=pb.100003601762048.-2207520000.0.&type=3&theater)

[2207520000.0.&type=3&theater](https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1631814023615307&set=pb.100003601762048.-2207520000.0.&type=3&theater). Acessado em: 17 nov. 2019.

Grupo de Quadrilha Junina até o Sol Raiá

O Grupo Junino Até o Sol Raiá surgiu em agosto de 2011, a partir da iniciativa de amigos que já dançavam quadrilha. O grupo não é filiado a nenhuma instituição, sendo uma escolha própria de não dançar com intuito de competição, mas sim por amor aos festejos juninos e à quadrilha. Realizam eventos como rifas, sorvetadas, bingos e galinhadas em que

os dançarinos ajudam vendendo bilhetes ou ingressos destes eventos, o que gera uma renda para custear os gastos, possibilitando sua manutenção produtiva no mundo junino.

Figura 18: Grupo de Quadrilha Junina Até o Sol Raia



Fonte: <http://quadrilhaateosolraia.blogspot.com/>. Acesso em: 15 out. 2019

Figura 19: Grupo de Quadrilha Junina Até o Sol Raia



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1631807216949321&set=pb.100003601762048.-2207520000.0.&type=3&theater>. Acessado em: 17 nov. 2019

Figura 20: Grupo de Quadrilha Junina Até o Sol Raia



Fonte: <https://www.facebook.com/ateosolraia/photos/p.1428468200611683/1428468200611683/?type=1&theater>. Acessado em: 17 nov. 2019.

3. Aplicação do Questionário Afetivo

Revalidando o que já foi informado a respeito dos grupos atuantes e em plena atividade, considero como parte desse instrumento metodológico apenas os grupos Raízes de Goiás, Mandacaru e Paixão Goiana, todos filiados à Fequajugo. Conforme explicado anteriormente no capítulo 2, a denominação questionário afetivo refere-se a uma experiência sensorial integrada a perguntas a serem respondidas por representantes na função de gestão e de *performers* (bailarinos e/ou bailarinas) - correspondentes a cada grupo.

A sede da Associação cultural Cia de Danças Folclóricas Raízes de Goiás, reconhecida como Ponto de Cultura pelo extinto MinC, foi espaço de acolhida para aplicação do questionário aos representantes dos grupos de quadrilhas juninas: Mandacaru – Presidente Roberth Junior e bailarino Lucas Rodrigues; Raízes de Goiás – Presidente Francisco Lima e bailarina Isabella Dhyovana e Paixão Goiana – Presidente David Leci e bailarina Monatha Eduarda, ou seja, nos três bairros selecionados para este trabalho de finalização de curso na forma de uma monografia.

A organização do espaço onde foi realizado o questionário afetivo dependeu de um estudo cuidadoso de ornamentação ambiental, algo que pudesse não somente embelezar, como também fizesse sentido aos participantes e os motivasse a respostas reais. Utilizei tecido florido (chita), chapéu de palha, flores e folhagens, painel representando a igreja de Aparecida de Goiânia, bonecos de pano, tapetes de crochê para servir de assento. Sobre o tecido de chita, expostos entre folhas de milho verde, doces como pé de moleque e paçoquinha davam um tom especial. Com isso, atentei-me em deixar o ambiente bem informal e agradável aos olhos de quem comparecesse.

De início, apresentei estímulos visuais e auditivos. Recorri a um repertório de músicas típicas de festas juninas, mantendo-as em tom baixo, como fundo musical enquanto os participantes respondiam aos seus questionários. Comidas típicas também foram oferecidas, usufruindo-se dos aromas que os convidaram a uma visita ao passado, rememorando sensações inefáveis, assim como tangíveis e degustáveis no mundo junino. Tudo foi preparado conforme planejado e aconteceu no dia 21 de agosto de 2019, das 19h e 30 minutos às 23h.

Figura 21: Espaço ornamentado para realização do questionário afetivo



Fonte: arquivo pessoal de Maria Ozana da Trindade

Um casal que chegou alguns minutos antes entrou com um olhar meio contemplativo, brincou, dizendo entre risos, que, se soubesse dessa comida não teria jantado antes. Os demais foram chegando e eu, atenta, tive a oportunidade de registrar alguns desses participantes.

Figura 22: Participantes encaminhando-se ao espaço reservado para o Questionário Afetivo





Fonte: arquivo pessoal de Maria Ozana da Trindade

Em um primeiro momento, por meio de uma conversa informal, destaquei a relevância da presença de cada um e apresentei-lhes a proposta da minha pesquisa. Li o questionário pontuando cada pergunta para que não tivessem dúvidas e se sentissem tranquilos, familiarizados com o assunto, respondendo ao questionário. Deixei expostas folhas de papel em branco e canetas para que pudessem ser utilizados.

Figura 23: Orientação a respeito do Questionário Afetivo



Fonte: arquivo pessoal – Maria Ozana da Trindade

Em seguida, iniciaram a escrita e, o que cortava o silêncio era a música ambiente, previamente selecionada e que, por vezes, era cantada pelos participantes de forma bem espontânea. Enquanto respondiam, bem à vontade, era preparado amendoim torrado e na sequência, pipoca. O aroma penetrou o ambiente e não demorou a surgir alguns comentários do tipo “uai, o trem tá ficando é bom por aqui, né?”. Sorrimos e comentei que era justamente para rememorar aqueles momentos juninos que tínhamos guardados como lembranças da infância.

Figura 24: Preenchimento do questionário afetivo



Fonte: arquivo pessoal – Maria Ozana da Trindade

Saboreando pipoca, chegaram ao final da escrita e logo foram encaminhados a saborear as delícias preparadas para o momento. Foi uma experiência gratificante, pois tivemos a oportunidade de recordar grupos que existiram na região, dançarinos que se

destacaram no meio junino e que atualmente constituíram famílias. Por este motivo, alguns justificaram seu afastamento dessa atividade bem como outros já não se encontravam fisicamente entre nós, mas presentes em nossas lembranças.

A respeito do trabalho social, educacional e cultural, foram salientadas as contribuições que cada grupo proporciona aos participantes, assim como à comunidade aparecidense como um todo. Ressaltou-se que, as reuniões da união das quadrilhas juninas de Aparecida de Goiânia (Quajap¹²) pudessem ser retomadas devido à importância da interação entre os grupos em busca de mais união e fortalecimento da cultura local.

Encerramos o momento com meus agradecimentos e com o registro fotográfico de todos. Vale registrar que tive como colaboradores no preparo dos alimentos, Jeovanda da Trindade, e na fotografia, Osailson Crispim, pelos quais tenho carinho especial e imensa gratidão.

Figura 25: Momentos de degustação e descontração



¹² Quajap – Grupo criado em julho de 2019 por diretores das quadrilhas juninas de Aparecida de Goiânia (Mandacaru, Raízes de Goiás, Paixão Goiana e Até o Sol Raia, na intenção de criarem mecanismos para dar suporte aos mesmos). Vale salientar que este conceito partiu de meu ponto de vista.



Fonte: arquivo pessoal Maria Ozana da Trindade

Figura 26: Encerramento do questionário afetivo



Fonte: arquivo pessoal – Maria Ozana da Trindade

3.1. Análise dos questionários

Gestão coletiva e significação pessoal

A análise dos questionários, respondidos pelos gestores e bailarinos, me permitiu verificar alguns pontos de convergência, de divergências e de complementaridade em outros. Para os representantes responsáveis pelos três grupos, considerei os aspectos de gestão e para os bailarinos, os aspectos de significação pessoal.

Nesse sentido, apurei que nenhuma das instituições pesquisadas possui sede própria. Mandacaru e Paixão Goiana realizam suas atividades em instituições educacionais municipais, cedidas pelo poder público. Já o Ponto de Cultura Raízes de Goiás possui sede provisória, cedida pela fundadora. Todas estão registradas em cartório, neste município, porém somente o grupo Raízes de Goiás tem documentação concluída para pleitear editais no geral, além de deter o termo de utilidade pública municipal e estadual e ser reconhecida como Ponto de Cultura pelo extinto MinC.

O público alvo, comum aos três grupos pesquisados, é predominante entre a faixa etária de 15 a 29 anos, salvo exceções em alguns casos, atendendo ao pedido de bailarinos(as) ou mesmo de pais para que aceitem suas crianças. Há, contudo um controle quanto ao limite de idade, pois depende do interesse e atuação de cada um. O quantitativo de participantes é flexível, pois existe rotatividade de pessoal a cada novo ano, ou seja, a cada novo projeto. Em média, os grupos movimentam 200 pessoas entre bailarinos (as), apoios, coreógrafos, maquiadores, cabeleireiros e colaboradores que são os familiares, amigos e simpatizantes. Eles usufruem das redes sociais e de seus círculos de convivência, para alcançarem mais componentes.

Dentre as dificuldades apresentadas, a mais expressiva é a falta de recursos financeiros e apoio do poder público. Conforme apontado pelos grupos citados, todo início de temporada busca-se amenizar as dificuldades financeiras realizando rifas, bingos, galinhadas, feijoadas e sorteios de brindes no intuito de arrecadar verbas para realização do projeto. Esporadicamente, surgem parceiros que contribuem com brindes, assim como adultos voluntários que auxiliam no trabalho com os projetos, mas na maioria das vezes, os próprios diretores assumem os gastos. Assim, os grupos trabalham com o que conquistam, sem às vezes alcançarem o objetivo esperado.

A motivação para criação dos grupos que permanecem atuantes se deu pela possibilidade de estimular a identidade dos jovens no trato com a cultura, bem como contribuir com a sociedade oferecendo-lhes interação interpessoal e momentos lúdicos, distanciando-os da violência e da marginalidade. Atividades culturais podem proporcionar aos participantes, momentos de formação humana em sua totalidade por intermédio da arte de dançar e da propagação desta cultura popular. Além disso, oferecem às comunidades onde atuam (religiosas, associações, instituições de ensino e à população em geral), espetáculos de forma gratuita.

Outra importante contribuição apresenta-se na atividade econômica do município, oportunizando trabalho às costureiras, sapateiros, artesãos e a tantos outros profissionais não formalizados. Como afirma João Batista em seu relato:

Os grupos juninos, para subsidiar as vestimentas, faziam o que podiam para arrecadar fundos para manutenção do grupo, como galinhadas, rifas, festas, bingos e etc com os valores gastos. Muitas vezes, deixava o grupo devedor, pois toda mão de obra era feita pela comunidade local através das costureiras, marceneiros, serralheiros, papelarias, supermercado, sapateiros, transporte, dentre outros inúmeros serviços e materiais utilizados. Nascia assim, uma forma de movimentar também a economia do município gerando emprego e renda nesta temporada.

A diretoria de cada grupo tem a responsabilidade de organizar e planejar o calendário de ensaios, oficinas de linguagem, consciência corporal e teatralidade, no intuito de alcançar qualidade e excelência em cada movimento. Tudo isso, levando em consideração os horários, distância e a disponibilidade de tempo dos brincantes. Há, também, a preocupação de motivar nos participantes a permanência durante o percurso do projeto. Por outro lado, a interação entre os grupos acontece por meio de evento organizado pela Quajap ou pela Fequajugo, assim também, através da participação em evento promovido por outro grupo, objetivando seu fortalecimento e prestígio.

Já em relação aos bailarinos (as), vale salientar que se iniciaram no mundo junino nesta temporada do ano de 2019 e foram convidados por amigos. Esta participação se tornou relevante, pois eles se sentiram integrados em uma espécie de “nova família”, em que ampliaram seu círculo de amizades, reavivaram sonhos e sentiram-se pertencentes e incluídos na sociedade. Entenderam a importância da memória e da propagação da cultura junina, a oportunidade de se profissionalizar, a necessidade de obtenção do crescimento pessoal, do respeito às diferenças, da recuperação da autoestima, da aceitação da convivência que reverbera um novo olhar de e para cada integrante.

Nesse contexto, o momento do ensaio é considerado fundamental para retirar dúvidas, se concentrar e ter foco, conhecer os limites do corpo e trocar experiências com quem está a mais tempo, aprendendo e memorizando os conteúdos no sentido de buscar uma melhor qualidade para o espetáculo levado ao público. Por fim, no que diz respeito ao sentimento de dançar quadrilha junina, é comum aos três bailarinos a expressão de alegria, de elevação da autoestima, de entrega, de amor e de respeito às diferenças, encontrados dentro dessa bela e diversa manifestação cultural e artística.

Considerações finais

De acordo com a investigação realizada, pondero que este estudo não está encerrado, pois a cada dia, os grupos de dança de quadrilha junina aqui considerados, se renovam porque estão em constante investigação, da criação à montagem, mostrando-se envolvidos pelo propósito de superar outros grupos e a si próprios. Isso significa que, ao fomentar uma cultura dinâmica e em construção, se torna difícil alcançar todas as informações e encerrá-las.

Nesse sentido, percebo que algumas informações ficaram subentendidas, o que pressupõe ser o olhar de cada ser humano, específico e determinado pela consciência histórica de seu tempo. A exemplo, hoje, não possuo o mesmo olhar que tive ao fundar o Ponto de Cultura Raízes de Goiás, assim como as numerosas informações vivenciadas ao longo dos anos, foram esquecidas quando não registradas.

Feita uma reflexão geral sobre os aspectos de gestão e significação dos grupos pesquisados, compreendo-os como espaços de pertencimento social, como ambientes de formação cidadã e de superações. Neles, são promovidos questionamentos, opiniões e manifestações em um processo de construção de valores, do exercício da criatividade e da multiplicação de saberes. Acrescido a isso, ressalta-se a importância de políticas públicas voltadas para editais e eventos culturais, as quais possibilitem a efetiva participação dos grupos locais, assim como a conscientização de empresas no sentido de parcerias público-privadas.

Elaborar esta pesquisa acadêmica foi significativa e reveladora para mim, permitindo-me contemplar as experiências vividas no mundo junino e registrar de maneira ponderada o que foi e está sendo realizado pelos grupos pesquisados. Na prática e na qualidade de pesquisadora, tenho a convicção de que os referidos grupos esforçaram-se muito para superar suas dificuldades, resgatando suas memórias e se estabelecendo enquanto agentes transformadores do contexto em que vivem. Muitos de nós projetamos a vida, preocupamo-nos com a realização dos objetivos, mas não paramos para analisar o caminho percorrido, com surpresas inesperadas, medos vencidos, problemas transformados em conquistas de cada dia. Por isso, avalio o percurso e as considerações desta pesquisa como um valor cultural agregador para a cidade de Aparecida de Goiânia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROSO, Hayeska Costa. “*Prepare seu coração pras coisas que eu vou contar.*”: o ensaio sobre a dinâmica das quadrilhas juninas do Ceará/ Hayeska Costa Barroso. – 2013. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: http://www.uece.br/politicasuece/dmdocuments/hayeska_costa.pdf. Acessado em: 10 out. 2018.

BARRETO, Tainá Dias de Moraes. *Ausências*: criação de dança a partir de um olhar para as mulheres em dois grupos de cavalo marinho da Zona da Mata Norte de Pernambuco / Tainá Dias de Moraes Barreto. – 2014. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, 2014. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/283498626/2014-TainaDiasdeMoraesBarreto>. Acessado em: 4 out. 2019.

BONETTI, Maria Cristina de Freitas. *Contradança*: ritual e festa de um povo. Goiânia, PUC-GO, Kelps, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Arte/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANCLINI, Néstor García. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

_____. *Culturas híbridas*: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa PessaCintrão e Ana Regina Lessa. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Brasília, DF: Instituto Nacional do Livro, 1972.

_____. *Tradição, Ciência do Povo*. Editora Perspectiva, São Paulo, 1971.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17.ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. *Guia do Trabalho científico*: do projeto à redação final: monografia, dissertação e tese. São Paulo: Contexto, 2011.

LIMA, Claudia. *Ciclo Junino* – Festa de São João. In: Revista Junina. Edição Especial. Recife: V. 6, n. 1, p. 137-159, janeiro/junho. 2017.

NEIVA, A. V. Relato concedido por email a Maria Ozana da Trindade. Aparecida de Goiânia, 25 set. 2019.

OLIVEIRA, J. B. R. Breve histórico concedido a Nilda Simone. Aparecida de Goiânia, 5 out. 2019.

REIS, R. Relato concedido por email a Maria Ozana da Trindade. Aparecida de Goiânia, 23 ago. 2019.

RIBEIRO, Darcy. *O que é cultura?* Antropologicamente falando..., 2014. Disponível em: <https://ensaiosnotas.com/2014/10/08/1076/> Acessado em: 25 ago. de 2019.

SEIXAS, R. *Prelúdio*. Rio de Janeiro: Philips; Phonogram, 1974. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DgBQpTLHfEM>. Acesso em 8 out. 2019.

SIMONE, Nilda. *Um Olhar sobre Aparecida: História e Cultura*. Goiânia: Kelps, 2014.

STRAZZACAPPA, Márcia. *Entre a arte e a docência: A formação do artista da dança*. Campinas, SP: Papirus, 2006. - (Coleção Ágere).

ZARATIM, Samuel Ribeiro. *Quadrilhas juninas em Goiânia: novos sentidos e significados*. 2014. 130f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Goiás, Escola de Música e Artes Cênicas, Goiânia, 2014. Disponível em: https://ppgipc.cienciassociais.ufg.br/up/378/o/DISSERTA%C3%87%C3%83O_SAMUEL_RIBEIRO_ZARATIM.pdf. Acesso em: 4 out. 2018.

_____. *Quadrilhas juninas em Goiânia: Performances Culturais e (Re) significação*. Goiânia: Kelps, 2019.

ANEXOS

ANEXO I - TEXTO CEDIDO POR JOÃO BATISTA

Aparecida, uma cidade da diversidade cultural, por João Batista Ribeiro de Oliveira – Presidente do Ponto de Cultura Anarriê de São João.

A Quadrilha estilizada, mais conhecida como “moderna” surgiu na cidade de Aparecida de Goiânia em 1998, através de brincadeiras tradicionais em grupos de catequese e jovens na comunidade católica São João Batista, no Setor Colina Azul. O mentor desta bela história junina, que hoje da cor à cidade nos meses de Maio a Agosto se chama Fernando Sousa. Ele iniciou o projeto com o primeiro grupo de Aparecida denominado “São João Pirou”, grupo este formado por integrantes dos grupos de Crisma, eucaristia e jovens (GRAF – Grupo Reunido de Adolescentes na Fé).

Em 1999 o catequista Fernando Sousa fundou a Associação Cultural Quadrilha Bailão de Peão que deu início à modernidade junina na cidade de Aparecida de Goiânia. A partir daí, o grupo se apresentava em igrejas, escolas, empresas, ONGs e festas a convite da população, revelando assim, como serem jovens amantes das danças folclóricas e garantindo que, ao invés da ociosidade, os jovens buscassem na cultura um meio de diversão e lazer aos finais de semana longe da violência e das drogas.

O tempo foi passando e o grupo se tornou grande, despertando em alguns jovens, com visão de coletividade, o desejo de saírem do grupo para formar novos grupos, fomentando cada vez mais a participação do jovem na cultura popular.

O grupo “Bailão de Peão”, com o passar dos anos veio a se chamar “Flor do Sertão”, e tempos depois, “Explode Coração”. O grupo fez história em Aparecida de Goiânia onde deixou várias sementes, e hoje, representa outros municípios.



Foto: Acervo Fernando Sousa (Flor do Sertão)



Foto: Acervo Fernando Sousa “Bailão de Peão”

Surgem alguns grupos como “Arrasta Pé”, presidido por Raimundo Caldas Cardoso; “Luar do Sertão”, por Ricardo Reis; “Raízes de Goiás” na fundação, Maria Ozana da Trindade; “Mandacaru”, Robert Junior dos Santos e “Arraiá do Cerrado”, Reinaldo Pimenta.

Outros grupos também alteraram seus nomes. A partir do Grupo Arrasta Pé surgiu o Grupo “Paixão Goiana”, presidido por David Leci; do Grupo “Raízes de Goiás” surgiu o grupo “Até o Sol Raia”, presidido na fundação, por Jhonathan Mercês; do grupo “Arraiá do Cerrado” surgiu o Grupo Anarriê de São João, presidido por João Batista Ribeiro de Oliveira; outro grupo, o “Brasil Caboclo” surgiu a partir de uma conversa entre amigos e presidido por Daniel Rodrigues.



Foto: Acervo João Batista R Oliveira “Brasil Caboclo”

Esses grupos folclóricos representaram Aparecida de Goiânia em todo estado de Goiás e no Brasil tornando-se o maior movimento cultural da cidade, mesmo sem incentivo do poder público.

Os grupos juninos, para subsidiar suas vestimentas, faziam o que podia para arrecadar fundos para manutenção do grupo através das famosas galinhadas, rifas, festas, bingos e outras atividades. Os valores gastos, na maioria das vezes deixavam o grupo devedor, pois toda mão de obra era feita pela comunidade local, sob a responsabilidade de costureiras, marceneiros, serralheiros, papelarias, supermercado, sapateiros, motoristas e de tantos outros profissionais com seus respectivos serviços e materiais criando assim, outras formas de movimentar a economia do município e gerar emprego e renda nesta temporada.

Alguns grupos desta imensa lista filiaram-se à federação de grupos juninos, denominada FEQUAJU-GO, entidade presidida, na fundação, por Alex Gomes Gontijo e hoje, pelo presidente Thiago Henrique, a entidade responde ao nível estadual e conta com mais de 20 grupos profissionais, sendo cinco de Aparecida de Goiânia: “Luar do Sertão”, “Raízes de Goiás”, “Paixão Goiana”, “Mandacaru” e “Anarriê de São João”.



Imagem Concurso Estadual Arraiá do Cerrado Perfilamento (Foto: Acervo Fequaju-go)



Imagem Concurso Estadual Arraiá do Cerrado Perfilamento (Foto: Acervo Fequaju-go)
Foto: Acervo páginafacebook oficial Luar do Sertão Goiás “Luar do Sertão”



Foto: Sergio Gomes “Mandacaru”



Foto: Bruno Souza “Paixão Goiana”



Foto: Acervo página oficial facebookateosolraia “Até o Sol Raiá”

Em 2016 surgiu o grupo “Sasinhora”, presidido por Marcos Pablo, que mesmo em meio a tantas dificuldades alguns jovens encontraram forças para continuar o projeto que já dura, no município, 19 anos.



Foto: Acervo página oficial facebookPabloMPF “Sasinhora”

Dois grupos “Raízes de Goiás” e “Anarriê de São João” receberam do ministério da Cultura a chancela de “Ponto de Cultura”, um reconhecimento das entidades autodeclaradas no sistema da plataforma cultura viva, programa que certifica entidades culturais no Brasil. Aparecida de Goiânia é a única cidade, no estado, a ter dois grupos juninos certificados. Para os brincantes esta chancela significa muito, pois são anos de dedicação e todo reconhecimento é válido.



Foto: Acervo João Batista R Oliveira “Anarriê de São João”



Foto: PáginaFacebook oficial Ponto de Cultura Raízes de Goiás “Raízes de Goiás”

Nas festas juninas o que não pode faltar é a disputa de rainhas, que junto às quadrilhas elas se preparam para um concurso a parte, deixando a plateia admirada com tamanha beleza e brilho nas coreografias.



Foto: Reginaldo Cardoso (Concurso de Rainhas)

**ANEXO II– QUESTIONÁRIO PARA O(A) RESPONSÁVEL DAS ENTIDADES
PESQUISADAS.**



**INSTITUTO FEDERAL
GOIÁS**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLOGICA - IFG
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
DEPARTAMENTO DE ÁREAS ACADÊMICAS

QUESTIONÁRIO SOBRE GESTÃO COLETIVA DO GRUPO RAÍZES DE GOIÁS
I - IDENTIFICAÇÃO Nome: Associação Cultural Cia de Danças Folclóricas Raízes de Goiás Data de fundação: 11.09.2004 Fundadora: Maria Ozana da Trindade Presidente: Francisco Lima dos Santos Contato presidente: 62 995176776 Endereço da instituição: Av. Dom Fernando Qd. 15 lt. 04 – Setor Colina Azul Endereço de ensaio: Av. Dom Fernando Qd. 15 lt. 04 – Setor Colina Azul Última temporada: 2019 e preparando para 2020.
II - PERGUNTAS
1. A entidade possui Registro? Qual? Se sim, desde quando? CNPJ, Registro em cartório desde 2009. Possui também todas as documentações que uma associação necessita para estar funcionando.
2. Foram contemplados por algum edital? Se sim, quando e por qual edital? Se não, por quê? Justifique. FAC 2014 e FAC 2016 (Estadual) e cultura viva em 2018.
3. Enquanto entidade qual a maior dificuldade encontrada? E, como superou? Existem dois problemas graves para dar continuidade às atividades. Primeiro financeiro, pois sobrevivemos com rifas, bingos, galinhadas, colaboração dos integrantes, familiares e amigos. Ao ser contemplado com os editais conseguimos superar bastante este problema. Outro problema é a questão dos jovens que estão desestimulados a participarem dos grupos, pois, requer responsabilidade e assiduidade.
4. O que motivou a criação deste grupo de quadrilha junina? A fundadora citou que ao perceber que os jovens da nossa região sentiam necessidade de espaço de lazer e entretenimento, sentiu a necessidade de colaborar com sociedade. Então, criou o grupo para oferecer aos jovens da comunidade e circunvizinhas este espaço para criação e montagem de espetáculo de dança. Além de formação, os participantes vivenciam experiências diversas de oficinas de corpo, danças e teatro.
5. Qual o reconhecimento que a entidade recebeu dentro da cidade de Aparecida de

Goiânia?
A entidade tem reconhecimento de utilidade pública Municipal e alguns certificados os quais relatam a relevância desta na promoção da cultura no município.
6. Quantas pessoas envolvidas, diretamente, por temporada?
Aproximadamente 60 pessoas entre bailarinos, apoios e familiares.
7. Quem são os envolvidos indiretamente?
Empresas de tecidos, confecção, aviamentos e acessórios.
8. Qual o procedimento para reunir bailarinos?
Por meio de propagação dos participantes aos amigos e colegas, também por redes sociais.
9. Como se dá o processo de organização dos ensaios?
Por meio de reuniões para planejamento do calendário e montagem das atividades a serem realizadas nestes.
10. Como acontece a interação entre os grupos existentes?
Por meio de encontros promovidos pela Fequajugo ou Quajap. Há também a participação em eventos entre os grupos, um participa do evento do outro para colaborar e prestigiá-lo.
11. Qual a contribuição do grupo para a sociedade?
Contribui com o social e interação com a juventude. Oferece à sociedade espaço de formação e convivência.
12. Mídias Sociais do grupo
12.1. Facebook: Quadrilha junina Raízes de Goiás
12.2. Instagram: jraizesdegoias
12.3. Outras:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA - IFG
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
DEPARTAMENTO DE ÁREAS ACADÊMICAS

QUESTIONÁRIO SOBRE GESTÃO COLETIVA DO GRUPO MANDACARU
I - IDENTIFICAÇÃO Nome: Associação Cultural e Teatral Quadrilha Mandacaru Data de fundação: 20/ 10/ 2007 Fundador: Robert Júnior dos Santos Presidente: Ricardo Batista Mendes Contato presidente: 62 99408 8196 Endereço da instituição: Endereço de ensaio: Rua 49, esquina com Rua 45 –Bairro independência Última temporada: 2019
II –PERGUNTAS
1. A entidade possui Registro? Qual? Se sim, desde quando? Sim, no cartório desde 2009.
2. Foram contemplados por algum edital? Se sim, quando e por qual edital? Se não, por quê? Justifique. Não, não foi selecionado
3. Enquanto entidade qual a maior dificuldade encontrada? E, como superou? A maior dificuldade foi sempre a financeira falta de apoio e valorização do mesmo. Não digo que superamos, mas sim trabalhamos para que a cultura de Aparecida permaneça viva.
4. O que motivou a criação deste grupo de quadrilha junina? Como sempre, fui envolvido no meio da cultura popular. Após dançar catira por quase três anos entrei no movimento junino, por curiosidade. E percebi a riqueza que esse movimento traz.
5. Qual o reconhecimento que a entidade recebeu dentro da cidade de Aparecida de Goiânia? Pensando nisso, decidi montar meu próprio grupo, onde os interesses fossem voltados para formação de um novo ser humano, moldado através da sua arte. Não digo reconhecimento, mas sim, de um aprendizado. A cidade de Aparecida de Goiânia precisa de gestores que olhem com outros olhos a cultura, pois recebemos mais reconhecimento da comunidade, pelo trabalho social e cultural que fazemos com jovens, do que do poder público.
6. Quantas pessoas envolvidas, diretamente, por temporada? 60 brincantes.
7. Quem são os envolvidos indiretamente? Mais de 200 pessoas envolvidas indiretamente, contando com empresas diversas de

confeção, pessoal de apoio, familiares e amigos.
8. Qual o procedimento para reunir bailarinos? Primeiro divulga-se nas redes sociais; segundo, como convite boca a boca e terceiro, convite diretamente com segmentos culturais voltados para atividades de dança.
9. Como se dá o processo de organização dos ensaios? A diretoria elabora toda a programação dos ensaios, pensando sempre nos horários compatíveis para todos participarem sem faltar.
10. Como acontece a interação entre os grupos existentes? Com oficinas, preparando para o convívio em grupo a preparação do corpo do brincante.
11. Qual a contribuição do grupo para a sociedade? Gerando oportunidade à comunidade de participar deixando assim, os jovens envolvidos diretamente com o grupo, diminuindo a participação dos jovens no mundo do crime e das drogas.
12. Mídias Sociais do grupo 12.1. Facebook: QUADRILHA MANDACARU 12.2. Instagram: QUADRILHA_MANDACARUOFICIAL 12.3. Outras:



INSTITUTO FEDERAL
GOIÁS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLOGICA - IFG
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
DEPARTAMENTO DE ÁREAS ACADÊMICAS

QUESTIONÁRIO SOBRE GESTÃO COLETIVA DO GRUPO PAIXÃO GOIANA
I - IDENTIFICAÇÃO Nome: Associação Cultural Quadrilha Paixão Goiana Data de fundação: 20/ 01/ 2011 Fundador: David Leci de Almeida Presidente: David Leci de Almeida Contato presidente: 62 99345 4211 Endereço da instituição: Av. Platina Qd 10 Lt6 - Comendador Walmor Endereço de ensaio: Rua h 055 com Avenida V 004 - Cidade Vera Cruz / Aparecida de Goiânia Última temporada: Temporada 2019
II –PERGUNTAS
1. A entidade possui Registro? Qual? Se sim, desde quando? Possuiata, estatuto e CNPJ desde sua fundação.
2. Foram contemplados por algum edital? Se sim, quando e por qual edital? Se não, por quê? Justifique. Nunca, pelo fato de não possuir todas as documentações necessárias.
3. Enquanto entidade qual a maior dificuldade encontrada? E, como superou? A maior dificuldade está na parte financeira, pois, não temos muitos recursos e a maneira que encontramos para enfrentar isso é fazendo nossas atividades como: rifas, bingos, galinhada, feijoada entre outros, no intuito de arrecadar dinheiro.
4. O que motivou a criação deste grupo de quadrilha junina? O grupo foi criado através de ex-dançarinos de outra entidade que encerrou suas atividades e uma grande maioria não queria ficar parado com o fim da mesma, também, pensando em levar mais entretenimento a nossa comunidade tirando jovens da rua e colocando-os na cultura.
5. Qual o reconhecimento que a entidade recebeu dentro da cidade de Aparecida de Goiânia? Recebemos, por duas vezes, o prêmio do troféu cultural de 2016 e 2018. Prêmio esse que foi feito através da Secretaria de Cultura de Aparecida de Goiânia.
6. Quantas pessoas envolvidas, diretamente, por temporada? Sim cada temporada é relativa. Nesta, de 2019, o grupo teve 55 pessoas diretamente envolvidas no espetáculo. Além de dançarinos, coreógrafos, equipe de produção e familiares que acompanham o grupo.
7. Quem são os envolvidos indiretamente?

Os admiradores de nosso trabalho, que também fazem parte, que nos ajudam nos bastidores e nos nossos eventos. Indiretamente temos por volta de 250 pessoas.

8. Qual o procedimento para reunir bailarinos?

Nós reunimos os bailarinos através de convite pessoalmente, também, via redes sociais. Os próprios dançarinos convidam seus amigos e parentes para estarem fazendo parte da quadrilha. Então é mais pelas redes sociais e de boca a boca.

9. Como se dá o processo de organização dos ensaios?

Com o passar do tempo a gente foi adquirindo mais experiência e vendo quais eram as necessidades do grupo. Hoje nós temos uma equipe que controla toda parte dos ensaios. Nossos coreógrafos, juntamente com o presidente da quadrilha, coordenam os ensaios, para que não fique algo maçante, naquela mesmice, só quadrilha, quadrilha, quadrilha. Então, a gente realiza momento de entretenimento com nossos bailarinos, para se sentirem mais à vontade, como ambiente familiar.

10. Como acontece a interação entre os grupos existentes?

A interação entre os grupos se dá a partir do momento em que algum grupo realiza eventos. Daí, levamos nossos brincantes até lá para que possamos colaborar com aquele grupo em seu projeto. Oportunizando-os ao contato com outros brincantes, fortalecendo a amizade e acabar com vaidades e espírito de competição.

11. Qual a contribuição do grupo para a sociedade?

Acredito que o grupo leva, para sociedade, uma interação da cultura e de conhecimento. Através da dança levamos para nossas comunidades amor, compreensão, companheirismo, amizade... Acredito que a sociedade ganha muito com os grupos, pois a cultura está ficando escassa, por falta de reconhecimento. Está deixando a sociedade muito violenta. Sem cultura e sem conhecimento.

12. Mídias Sociais do grupo

12.1. Facebook: @quadrilhapaixaogoianaoficial

12.2. Instagram: @juninapaixaogoiana

12.3. Outras:

ANEXO III– QUESTIONÁRIO PARA O(A) BAILARINO(A) DAS ENTIDADES PESQUISADAS



**INSTITUTO FEDERAL
GOIÁS**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLOGICA– IFG
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
DEPARTAMENTO DE ÁREAS ACADÊMICAS

QUESTIONÁRIO SOBRE SIGNIFICAÇÃO PESSOAL PARA BAILARINO E BAILARINA DO GRUPO JUNINO RAÍZES DE GOIÁS
I – IDENTIFICAÇÃO
Nome: Isabela Dhyovana
Idade: 18 anos
II - PERGUNTAS
1. Como iniciou no movimento junino? Em março recebi um convite para conhecer a junina Raízes de Goiás.
2. Qual motivação para estar no grupo? Aqui eu fiz vários amigos e pude conhecer mais sobre as quadrilhas. Tive oportunidade de apresentar, junto com o grupo, em vários locais que não imaginava. Isso me fez sentir que sou importante e posso crescer.
3. O que a quadrilha junina representa? E, o que mais gosta? Representa cultura, alegria, amizade e tudo de bom para todos que participam. O que mais gosto é poder dançar sem se preocupar com o que vão pensar. Gosto também de chegar aos lugares, junto com o grupo e perceber que todos olham encantados para nós e muitos vêm pedir pra fazer foto com a gente. Isso me faz sentir importante.
4. O que é dançar quadrilha junina? É poder dançar com amor e poder transparecer isso para as pessoas que estão observando.
5. Qual a pretensão de estar num grupo que propaga a cultura de um povo? É poder levar esse amor e essa vontade de dançar para outras pessoas.
6. Qual seu desejo enquanto integrante bailarino(a)? Aprender mais e poder contribuir para o crescimento da junina Raízes de Goiás.
7. O que representa o momento do ensaio? Momento de tirar dúvidas, melhorar alguns passos e poder aprimorar outras coisas envolvidas. Deve-se ter foco e concentração. Durante os ensaios esqueço dos problemas e me dedico inteiramente à proposta.
8. Qual a expectativa para estreia do espetáculo? A maior possível, pois bate vários sentimentos. Quando você percebe que depois de muitos ensaios o grande dia chegou. Então dá um desespero querendo voltar no tempo. É uma emoção que não dá para explicar.

9. O que espera ao final da temporada?

Espero que eu, de alguma forma, tenha tocado o coração das pessoas que assistiram ao espetáculo e causado neles outro olhar para a junina Raízes de Goiás.

10. A vivência do coletivo, enquanto ser humano, o que reverbera em você?

É algo muito grandioso, pois o grupo fez a minha pessoa ter vários pensamentos que foram construídos com a convivência que tive no grupo.

11. O que diria aos jovens da cidade que não teve contato com esta modalidade de dança?

Eu diria para que conhecessem algum grupo, pois teriam oportunidade de entender e valorizar esta forma de cultura. Neste grupo aprendemos muitas coisas, desde a dança até conhecer o limite do seu corpo.

12. O que espera do poder público da cidade em relação ao grupo cultural?

Espero que os grupos tenham um reconhecimento maior por parte do poder público, pois além do trabalho de integrar os jovens na sociedade, ainda tem um trabalho muito importante de ação cultural que auxilia ao poder público, já que oferece espaço aos jovens e espetáculo à sociedade.

13. Qual a contribuição do grupo para sua vida?

O grupo me ajudou em muitas coisas, até a sorrir novamente. Retirou-me de uma fase horrível de isolamento, conheci várias pessoas, fiz amizades e ganhei uma nova família. Deu-me oportunidade de me sentir integrante da sociedade, poder resgatar minha dignidade e ter sonhos.



QUESTIONÁRIO SOBRE SIGNIFICAÇÃO PESSOAL PARA BAILARINO E BAILARINA DO GRUPO JUNINO MANDACARU
I - IDENTIFICAÇÃO
Nome: Lucas Rodrigues da Silva
Idade: 19 anos
II - PERGUNTAS
1. Como iniciou no movimento junino? Através de um amigo.
2. Qual motivação para estar no grupo? Contribuir para o crescimento do movimento junino em nossa região e assim fazer um trabalho social com tantos jovens que precisam de atenção ou de algo para se ocuparem.
3. O que a quadrilha junina representa? E, o que mais gosta? A quadrilha junina representa a alegria. É algo que nos deixa para cima e nos faz esquecer de todos os nossos problemas. O que mais gosto é a energia e alegria que passa para o público.
4. O que é dançar quadrilha junina? É doar-se de corpo e alma, é expressar o que sente através da dança.
5. Qual a pretensão de estar num grupo que propaga a cultura de um povo? É muito gratificante estar fazendo cultura, ainda mais em uma região onde é tão desvalorizada.
6. Qual seu desejo enquanto integrante bailarino(a)? Desejo que o movimento junino cresça cada dia mais, que nosso grito ecoe alto e que muitos entendam a grande importância para tantos jovens que são deixados à margem da sociedade.
7. O que representa o momento do ensaio? Toda concentração e foco. É o momento em que me esqueço dos meus problemas e me doo por inteiro, para assim levar o mais belo espetáculo ao público. Ressalto também a convivência em grupo e a inclusão de todos os tipos de pessoas.
8. Qual a expectativa para estreia do espetáculo? As melhores possíveis. A estreia é a hora de emocionar, arrepiar o público, colocar em prática tudo que ensaiamos e fazer com que o público entenda toda mensagem passada durante o espetáculo.
9. O que espera ao final da temporada? O sentimento de dever cumprido, onde você pode ver que todo esforço valeu a pena e independente de colocação, o que mais importa é saber que pessoas foram tocadas e até mesmo mudadas com a mensagem que passamos.
10. A vivência do coletivo, enquanto ser humano, o que reverbera em você?

Muito aprendi no movimento junino. Enquanto vivência em grupo, o respeito é a peça fundamental. O respeito com tudo e para com todos é o que nos torna mais humano e nos faz cada vez mais amigos.

11. O que diria aos jovens da cidade que não teve contato com esta modalidade de dança?

Vem você também, que não irá se arrepender. É isso que tenho a dizer diante de tudo que esse momento já me proporcionou: tantas risadas, tantas alegrias e sorrisos fáceis.

12. O que espera do poder público da cidade em relação ao grupo cultural?

Espero que um dia o poder público possa perceber que a cultura também precisa de investimentos. Que nós possamos fazer um mundo mais justo e feliz levando a alegria do São João a todas as pessoas e ensinando-as que o respeito é fundamental no nosso dia a dia.

13. Qual a contribuição do grupo para sua vida?

Ensinou-me a olhar o mundo de outra forma. Com compaixão e empatia. Ensinou-me a respeitar as diferenças porque juntos somos mais fortes, e que, independente de toda dificuldade devemos continuar persistindo.



INSTITUTO FEDERAL
GOIÁS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLOGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
DEPARTAMENTO DE ÁREAS ACADÊMICAS

QUESTIONÁRIO SOBRE SIGNIFICAÇÃO PESSOAL PARA BAILARINO E BAILARINA DO GRUPO JUNINO PAIXÃO GOIANA
I - IDENTIFICAÇÃO
Nome: Monatha Eduarda dos Santos Neto Idade: 19 anos
II - PERGUNTAS
1. Como iniciou no movimento junino? Um amigo me convidou para conhecer
2. Qual motivação para estar no grupo? Por amor e pelo profissionalismo do mesmo.
3. O que a quadrilha junina representa? E, o que mais gosta? Representa uma grande família. Gosto da dedicação, garra, amor e alegria que levamos ao público.
4. O que é dançar quadrilha junina? Dançar é se libertar, é prazer, é amor pelo que faz.
5. Qual a pretensão de estar num grupo que propaga a cultura de um povo? Minha pretensão é continuar levando benefícios à sociedade cultural, algo diferente pra sociedade. Um trabalho lindo. Algo que ocupa a cabeça de um jovem, que muitas vezes poderia estar com pensamentos maléficos pra ele mesmo ou para com o próximo.
6. Qual seu desejo enquanto integrante bailarino(a)? Meu desejo é que o movimento junino cresça cada vez mais. Que sejamos unidos em um só objetivo, em um só sonho porque assim seremos fortes e realizaremos sonhos.
7. O que representa o momento do ensaio? É o momento de preparação para iniciar uma grande jornada. Momento de o grupo trabalhar para efetuar um espetáculo que irá tirar o sorriso das pessoas.
8. Qual a expectativa para estreia do espetáculo? A gente espera que tudo saia perfeito, que nosso trabalho tenha um bom resultado para o nosso público, ali presente.
9. O que espera ao final da temporada? Espero que estejamos todos satisfeitos com a temporada, que o amor e a união prevaleçam no grupo.
10. A vivência do coletivo, enquanto ser humano, o que reverbera em você? Além da amizade criada entre dançarinos, também, há uma troca de experiências e habilidades.
11. O que diria aos jovens da cidade que não teve contato com esta modalidade de

dança?

Diria a eles que estão perdendo algo muito bom, que é dançar quadrilha. Lá teriam oportunidade de adquirir experiência em dança e aprendizado para a vida.

12. O que espera do poder público da cidade em relação ao grupo cultural?

Espero que haja mais apoio e investimento para os grupos se manterem.

13. Qual a contribuição do grupo para sua vida?

A quadrilha para mim significa muita coisa. Dançar pra mim é uma sensação de liberdade, onde eu me encontro feliz. Dançar quadrilha traz uma “*vibe*” tão boa que bate saudade quando acaba a temporada. Melhor é saber que ano que vem tem mais. Eu amo São João, sou quadrilheira, amo dançar quadrilha junina.



**INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
GOIÁS

Documento Digitalizado Público

monografia

Assunto: monografia

Assinado por: Daniela Rezende

Tipo do Documento: Outros

Situação: Finalizado

Nível de Acesso: Público

Tipo do Conferência: Documento Original

Documento assinado eletronicamente por:

- **Daniela Rodrigues de Rezende, TECNICO DE LABORATORIO AREA**, em 28/01/2020 17:29:57.

Este documento foi armazenado no SUAP em 28/01/2020. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 39487

Código de Autenticação: 359e13f3cf

